



Patrimônio, Culinária, Arte e Cultura

Adriano Mesquita Soares
(Organizador)



AYA EDITORA
2023

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizador

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Linguística, Letras e Artes

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa
Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes
*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus
Pauapebas*

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros
Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2023 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas nos capítulos deste Livro, bem como as opiniões neles emitidas são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam necessariamente a opinião desta editora.

P3146 Patrimônio, culinária, arte e cultura [recurso eletrônico]. / Adriano Mesquita Soares (organizador) -- Ponta Grossa: Aya, 2023. 71 p.

Inclui biografia
Inclui índice
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-65-5379-170-1
DOI: 10.47573/aya.5379.2.155

1. Patrimônio cultural - Brasil. 2. Culinária brasileira. 3. Hábitos alimentares - Brasil - História. 4. Patrimônio cultural – Proteção – Rio Grande do Sul. 5. Patrimônio cultural – Proteção - Eldorado dos Carajás (PA). 6. Patrimônio cultural – Proteção – Piauí. I. Soares, Adriano Mesquita II. Título

CDD: 306.0981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53
Fone: +55 42 3086-3131
E-mail: contato@ayaeditora.com.br
Site: <https://ayaeditora.com.br>
Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação6

01

O patrimônio cultural na cozinha: o papel da mulher no território da quarta Colônia, RS, Brasil7

Cláudia Bulegon Cervo

DOI: 10.47573/aya.5379.2.155.1

02

O café no Brasil15

Carlos Francisco Silva Batista

DOI: 10.47573/aya.5379.2.155.2

03

O monumento das Castanheiras como signo da memória do massacre de Eldorado do Carajás.....25

Batista do Nascimento da Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.155.3

04

O Reisado na cidade de Boa Hora - PI (1997 a 2019) .33

Lenildo Martins Lustosa Pereira

DOI: 10.47573/aya.5379.2.155.4

05

Patrimônio cultural de Silveira Martins-RS: proposta de atividades didáticas para Ensino Fundamental, Anos Iniciais.....45

Claudia Moro Bianchin

DOI: 10.47573/aya.5379.2.155.5

Organizador67

Índice Remissivo68

Apresentação

Apresentar a coletânea de **Patrimônio, Culinária, Arte e Cultura** exigiu muita responsabilidade diante deste desafio, principalmente por nele conter tanto de cada autor, de cada pesquisa, suas aspirações, suas expectativas, seus achados e o mais importante de tudo a disseminação do conhecimento produzido cientificamente.

Portanto, a organização deste livro é resultado dos estudos desenvolvidos por diversos pesquisadores e que tem como finalidade ampliar o conhecimento aplicado à Patrimônio, Culinária, Arte e Cultura evidenciando o quão presente estes tópicos são encontrados em diversos contextos organizacionais, profissionais e acadêmicos, em busca da disseminação do conhecimento e do aprimoramento das competências profissionais e acadêmicas.

Este volume traz cinco (5) capítulos com as mais diversas temáticas e discussões, as quais mostram cada vez mais a necessidade de pesquisas voltadas para área voltadas para Patrimônio, Culinária, Arte e Cultura. Os estudos abordam discussões como: *o patrimônio cultural na cozinha; o café no Brasil; o monumento das Castanheiras como signo da memória do massacre de Eldorado do Carajás; o Reisado na cidade de Boa Hora - PI (1997 a 2019)* e por fim, um estudo sobre *o patrimônio cultural de Silveira Martins-RS*.

Por esta breve apresentação percebe-se o quão diverso, profícuo e interessante são os artigos trazidos para este volume, aproveito o ensejo para parabenizar os autores aos quais se dispuseram a compartilhar todo conhecimento científico produzido.

Espero que de uma maneira ou de outra os leitores que tiverem a possibilidade de ler este volume, tenham a mesma satisfação que senti ao ler cada capítulo.

Boa leitura!

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Editor Chefe



**O patrimônio cultural na cozinha:
o papel da mulher no território da
quarta Colônia, RS, Brasil**

**Cultural heritage in the kitchen: the
role of women in the the territory of
the fourth Colony, RS, Brazil**

Cláudia Bulegon Cervo

DOI: 10.47573/ayd.5379.2.155.1

RESUMO

Este estudo trata sobre o papel desempenhado pela mulher descendente de imigrante italiano do distrito urbano de Santos Anjos, município de Faxinal do Soturno, território Quarta Colônia, Rio Grande do Sul. O objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel desempenhado pela mulher descendente de imigrante italiano, a partir do patrimônio cultural oriundo da cozinha. Para tanto, os objetivos específicos são: a) apresentar o aporte teórico sobre as dimensões do patrimônio cultural e a relação da mulher a partir das práticas no ambiente doméstico, b) investigar como se dá o processo de organização familiar e as dimensões socioculturais atuais no território Quarta Colônia e c) compreender os elementos culturais identitários manifestados no ambiente da cozinha. Metodologicamente constitui-se como um estudo qualitativo-descritivo, com coleta de dados primária e secundária, e análise descritiva. O produto final analítico será composto por um FOTO LIVRO e sua aplicabilidade em escola pública municipal. Ele será constituído com fotos e registros da mulher e o seu papel na cozinha. Nele, se organizará uma coletânea de saberes das “nonas” perpassadas através das gerações, bem como os registros atuais de como se apresenta o ambiente da cozinha e a casa dos descendentes italianos, constituindo desta maneira, uma forma de personalizar as recordações, juntar momentos do passado e do presente de modo criativo. Portanto, esta pesquisa prima pela salvaguarda da cultura identitária local e suas particularidades presentes no território onde a mulher descendente de imigrante ainda é protagonista.

Palavras-chave: cozinha. cultura. mulher. patrimônio.

ABSTRACT

This study deals with the role played by women of Italian immigrant descent in the urban district of Santos Anjos, municipality of Faxinal do Soturno, Fourth Colony territory, Rio Grande do Sul. The general objective of this research is to analyze the role played by women of Italian immigrant descent, based on the cultural heritage derived from the kitchen. To this end, the specific objectives are: a) to present the theoretical contribution about the dimensions of cultural heritage and the relationship of women from the practices in the domestic environment, b) to investigate how the process of family organization and the current socio-cultural dimensions in the territory of Quarta Colônia take place and c) to understand the cultural identity elements manifested in the kitchen environment. Methodologically it is constituted as a qualitative-descriptive study, with primary and secondary data collection, and descriptive analysis. The final analytical product will be composed by a PHOTO BOOK and its applicability in a public municipal school. It will be constituted with photos and records of women and their role in the kitchen. It will organize a collection of knowledge of the “nuns” passed through the generations, as well as the current records of how the kitchen environment and the Italian descendents’ house is presented, thus constituting a way to personalize the memories, joining past and present moments in a creative way. Therefore, this research excels in safeguarding the local identity culture and its particularities present in the territory where the immigrant descendant woman is still the protagonist.

Keywords: cuisine. cooking. woman. heritage.

Este estudo trata sobre o papel desempenhado pela mulher descendente de imigrante italiano do distrito urbano de Santos Anjos, município de Faxinal do Soturno, território Quarta Colônia, Rio Grande do Sul. O objetivo principal analisar o papel desempenhado pela mulher descendente de Imigrantes Italianos no território Quarta Colônia, no estado do Rio Grande do-

Sul, a partir do patrimônio cultural oriundo da cozinha. Busca-se com esta pesquisa incentivar o trabalho de educação patrimonial e os valores sócio históricos em sua origem, para servir de referência ao patrimônio cultural, valorizando desta maneira a herança cultural desde a perspectiva de identidade e salvaguarda da cultura e suas dimensionalidades presentes na construção identitária do território.

Para a realização deste estudo teve-se como elementos balizadores o importante legado sócio histórico e cultural que constituíram o patrimônio territorial da Quarta Colônia de modo a celebrar as conquistas e os avanços político-administrativos e socioeconômicos, além da preservação e a continuidade dos elementos culturais identitários desde a origem, significativamente presente na força da mulher descendente de imigrantes italianos.

Por parte da pesquisadora, o interesse nesta temática, origina-se da condição de educadora da rede municipal de ensino, dedicada integralmente a Educação Infantil e aos anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como cidadã comprometida com as suas origens e com o patrimônio cultural formador deste território, além da representatividade da mulher neste contexto. Entende-se que a educação é o vínculo que possibilita que os valores humanos possam ser repensados e retomem sentido na coletividade, possibilitando ao sujeito o sentimento de pertencimento e protagonista da própria história.

O foco analítico desta pesquisa centralizou-se no espaço interno da cozinha, onde a mulher construiu, reinventou e concretizou ensinamentos e tradições que constituíram a identidade formadora de vivências cotidianas materializados pela cozinha e o alimento, os objetos e artefatos presente ainda hoje em muitas cozinhas de descendentes de Imigrantes Italianos, como é o caso da comunidade de Santos Anjos, no município de Faxinal do Soturno, no território Quarta Colônia.

A metodologia deste estudo é embasada em dois momentos complementares formados pelos procedimentos metodológicos e a área objeto de investigação empírica. Para tal, a pesquisa caracteriza-se por uma investigação do tipo qualitativa, cujo foco está na interpretação dos dados levantados e a subjetividade oriunda da qualidade das experiências demonstradas diante dos contextos vividos dos fenômenos sociais. Para Minayo (2001), tal processo é a essência de um estudo qualitativo, tal como este se configura desde o princípio. O percurso metodológico realizado foi composto tanto por fontes do tipo secundárias, pois a busca também foi realizada em obras bibliográficas e documentais, com aspectos que embasam teoricamente o estudo como pelas fontes primárias. Investigou-se *in loco*, os aspectos da realidade observada, narrada e vivenciada junto a um grupo social feminino descendente de imigrante Italiano fortemente ligado aos valores culturais de origem e suas representações sociais.

Os instrumentos para a coleta de dados secundárias foram do tipo bibliográfico formadas por meio de livros, obras e artigos científicos, e também do tipo documental formada por relatos, fotografias, livros de receitas e outras fontes sem tratamento científico. Na coleta de dados *in loco* foi usada a entrevista semi-estruturada¹ junto as mulheres descendentes de imigrantes italianas presentes nas comunidades. Com relação a coleta de dados, estas se deram em dois momentos; sendo o primeiro, formado por entrevistas com seis mulheres descendentes de imi-

¹ Entrevista semi-estruturada: os entrevistados preencheram uma autorização consentimento livre e esclarecido (UFSM, 2022), autorizando a pesquisadora divulgar em partes os registros realizados, e o nome do entrevistado fictício além de suas falas e/ou respostas durante o estudo. Houve, todavia a garantia do sigilo das fontes quando do impedimento, demonstrando a seriedade da pesquisadora durante a efetivação da presente proposta (MINAYO, 2001)

grante italianos com idades entre 90 e 94 anos de idade. Além destas outras seis mulheres com idades acima dos 82 anos de vida, com a preocupação de registrar as experiências destas fontes vivas de memória. No segundo momento, foram entrevistadas oito mulheres acima dos 70 anos.

Percebe-se que há hábitos e tradições identitários da cultura de origem presentes na vida cotidiana, cujos vínculos estão calcados junto as vivências cotidianas que perpassam e se destacam como elemento identitário do ambiente familiar. E, onde a cozinha segue como o símbolo das representações da mulher descendente de imigrante italiana, comumente rememorado nos atos e práticas cotidianas. Este estudo trouxe traços de pesquisa etnográfica, já que a etnografia se distingue por realizar uma descrição densa com o objetivo de interpretar o estudo vivenciado (GEERTZ, 2008), e cuja a pesquisadora é parte desta vivência. É por meio da experiência etnográfica que se conhece as formas pelas quais se constroem as representações na cozinha, além de explorar a sua origem, tradição, qualidade e seu saber-fazer e como essas questões oferecem sentido ou conferem significados a vida destas mulheres. Esta pesquisa se desenvolveu especificamente na comunidade de Santos Anjos e nas comunidades entorno por trazerem elementos de reciprocidade expressadas através de ações de ajuda mútua, parentariedade, devoção ao santo padroeiro do Catolicismo Apostólico Romano comum, bem como por serem comunidade cujas atividades agrícolas, de trabalho e de vivências comum. Assim, as comunidades também escolhidas para a pesquisa empírica são: Saxônia, Val Veronês, Sítio dos Mellos e Sítio Alto, todas elas no município de Faxinal do Soturno.

Vale destacar que, de maneira central, está a comunidade de Santos Anjos, o único distrito urbano do município de Faxinal do Soturno. Nesta localidade há uma única avenida central calçada e iluminada, composta por moradias e cuja economia é oriunda da agricultura familiar, predominantemente da cultura rizícola em pequenas propriedades de várzeas de até 12 ou 20 hectares. Além disso, o pequeno comércio desta comunidade circundada pelas áreas rurais é formada por pequenas agroindústrias familiares formais e informais de produtos alimentícios como cucas, pães, bolachas, agnolines e massas. Portanto, a escolha deste distrito como fonte *in loco* da pesquisa tem algumas características fundamentais onde a vida social feminina se mostra presente entre as famílias de descendentes de Imigrantes Italianos, com elementos distintivos da cultura e das vivências sociais de comunidade. Atualmente há 101 famílias em Santos Anjos, sendo que nestas há 73 famílias cujas mulheres são descendentes de imigrantes italianos que mantem a tradição cultural desde a origem.

Figura 5 - Comunidades da Pesquisa Empírica



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A escolha da comunidade de Santos Anjos se deve porque concentra o maior número de casas que receberam imigrantes e descendentes de italianos em meados de 1890, após a fundação e colonização de alguns núcleos coloniais da Quarta Colônia.

Esta dissertação também tem como complemento um produto final chamado de Foto Livro (em construção ainda), pois além de registrar, revela e patrimonializa a trajetória feminina, onde a mulher, descendente de imigrante Italiano na Quarta Colônia, tem uma significativa representação e envolvimento, muitas vezes não revelado, mas materializado no próprio ambiente da cozinha. Neste produto vários elementos foram observados no ambiente do espaço cozinha, a partir do papel feminino. O produto também é parte de um conjunto de registros e representações do patrimônio material e imaterial destas comunidades do território, hoje nominado Quarta Colônia.

As análises resultantes da pesquisa sobre o patrimônio cultural da cozinha e o papel desempenhado pela mulher descendente de imigrante italiano na Quarta Colônia, de modo que a compreensão sobre a dimensão do patrimônio alimentar na família, o trabalho e a religião remetem a aspectos identitários e distintivos no processo de construção social do saber fazer herdado contado pelas informantes desta pesquisa. É na cozinha que as manifestações culturais e sociais se desprendem e materializam-se como nos elementos simbólicos das imagens dos Santos de devoção. Tais elementos aparecem em cima da cristaleira, nas velas acesas em frente as imagens sagradas, nas flores colhidas e postas ao lado do pequeno altar, nas mesas grandes que recebiam os filhos para o ritual das três refeições diárias, no fogão a lenha que nunca se apagava. Sobre a chapa morna o pão parecia crescer antes de ir ao forno de barro, o leite esquentava e o queijo recebia as primeiras amornadas.

As entrevistas realizadas com as “nonas” revelam o papel da mulher na construção social do território da Quarta Colônia, a partir de elementos chave importantes desde a materialidade representada pela “cozinha”. Ao recordar as lembranças da infância, o trabalho doméstico, o matrimônio e as obrigações religiosas, as informantes narraram que suas famílias herdaram os hábitos e costumes dos imigrantes colonizadores italianos que chegaram para povoar a Serra de São Martinho, no centro do estado do Rio Grande do Sul (SANTIN, 1986). Na cozinha, as dimensões identitárias do trabalho, da religiosidade e da família revelavam o papel da mulher na construção, edificação e valorização do patrimônio Cultural legitimado.

Para fazer o trabalho doméstico, a mulher tinha amplo espaço na cozinha e ali acontecia desde o preparo do alimento para as refeições, a limpeza dos utensílios utilizados, a costura, o bordado do enxoval, a execução de receitas de doces, pães e bolachas e a educação dos filhos. Todo o trabalho atribuído a mulher era realizado na cozinha, em torno da mesa ou do fogão, demonstrando a centralidade das vivências cotidianas, tal como os aspectos da reciprocidade comum na Quarta Colônia desde a origem (CERETTA, 2017).

Todos os objetos, mobília e artefatos existentes ocupam lugares dotados de significados. A pré disposição da pia, do fogão e mesmo da mesa das refeições é parte fundamental para a destreza na realização das diversas tarefas domésticas e, simbolicamente, retratam a forma de comportamento da mulher, um ato de cumprimento das obrigações familiares. Na figura a seguir observa-se a disposição de alguns utensílios essenciais para a realização do trabalho na cozinha ainda que a modernidade já ocupa espaço com os utensílios e equipamentos novos. A pia, ao lado o fogão a gás e logo o fogão a lenha, no centro do espaço encontramos a mesa das refei-

ções. A pia ainda hoje está localizada em frente a janela porque antigamente como não havia água e rede de esgoto, então usava-se a janela para virar fora a água e para a melhor iluminação no momento da limpeza dos utensílios. Até hoje, a pia fica em frente a janela como parte do hábito e não mais por questões sanitárias. O fogão próximo á pia agiliza o preparo e cozimento do alimento, e muitos ainda permanece como sinal simbólico do trabalho que é atribuído a mulher na casa dos descendentes de imigrantes italianos.

Durante as entrevistas, as “nonas” revelaram também que os utensílios usados tinham valor sentimental, como revela a informante M2, 94 anos: “Quando mamãe casou já tinha um fogão de tijolo que papai fez com chapa de ferro, mas quando ela era criança o fogão era o *fo-colare*, sabe querida, era uma roda assim de pedra e uma corrente com gancho que segura a panela preta para cozinhar” (M2, 94 anos). O fogão constituía o principal utensílio da cozinha dos colonizadores, pois era nele que mãe e filha aprendiam a preparar o alimento e, em torno dele que eram construídas narrativas e valores culturais identitários repassados por gerações. Na casa dos colonos o ambiente mais importante ainda é a cozinha, tanto que ela tem as dimensões iguais ou maiores que o restante da casa, a chamada “casa de comer”, separada por um corredor. É aqui que se forma um conjunto de ações, técnicas, rituais que participam da construção da identidade alimentar (PROENÇA, 2003).

Nas lembranças do passado os sentimentos de saudosismo são evidentes (ZANINI, 2006), pois, muitas entrevistadas disseram que era época de muito trabalho, mas também se sentiam mais feliz do que hoje. Para elas, havia paz e todos comiam o que tinha sem reclamar, diferentemente de hoje, pois as novas gerações são muito exigentes. A grande oferta de produtos e a melhoria da qualidade de vida juntamente com a praticidade de se adquirir comidas congeladas mudou a maneira de efetuar o trabalho de preparação e elaboração do alimento. Aos poucos, as lembranças da infância e as memórias foram sendo reveladas; algumas com forte emoção da entrevistada (risos e lágrimas), outras com poucas palavras que expressaram sentimentos de dor e não conformação.

No espaço cozinha as relações ligadas aos valores simbólicos religiosos representativos para a Igreja Católica Apostólica Romana preconizavam na vida familiar dos descendentes de imigrantes italianos, onde a cozinha exercia a centralidade da obediência e aplicação dos ensinamentos desde a Igreja. Na cozinha que os ensinamentos religiosos e a obediência se materializavam, poia a disposição de imagens sacras no alto do armário que fica na cozinha era sinal de que o “Santo” estava observando os pecados. No quarto, sempre havia imagens do Santíssimo ou da Sagrada Cruz acima da cabeceira da cama do casal e, ao lado singelos altares com outras imagens de devoção, de modo a vigiar a vida matrimonial sempre.

Ainda na infância, as crianças recebiam doutrinas severas² sobre a vida religiosa; as mães ensinavam as orações que eram religiosamente realizadas todas as noites, após as refeições. Naquele tempo, após o término de um dia laborioso e exaustivo reuniam-se em família ao redor da mesa, diante das condições que possuíam, para as orações; depois se recolhiam e adormeciam com consciência tranquila, cheios de fé e com confiança na “Providência Divina” (GRANZOTTO, 2014).

Para o casamento havia acordos entre as famílias e este se realizava sob condições impostas pelo marido acerca do dote que a esposa possuía. A maioria das recém-casadas vivia na

² Doutrinas severas: obedeciam por “medo e coação” dos pais, através do temor a Deus.

casa da família do marido e lá tinha a sogra como à verdadeira dona da casa. Outra característica da vida de matrimônio era que as mulheres deveriam casar com homens mais velhos, para cuidarem dos filhos do primeiro casamento, pois, era comum a morte durante ou logo após o parto (BONI, 2004). Nestas famílias tradicionais, o estudo era ofertado somente ao filho homem e cabia a mulher o trabalho de casa, a manutenção e criação da prole e a submissão as ordens da figura masculina. A cozinha era a centralidade das decisões, por vezes, sem argumento nenhum. A mulher enquanto escutava as ordens do marido também sentia que as filhas mulheres acatavam caladas. Quando casavam o entusiasmo de serem independentes as ordens paternas, apenas trocavam de figura, como iam morar com suas sogras agora eram submetidas as ordens dela e muitas vezes o marido concordava com o comportamento da mãe em relação a sua esposa (BIASOLI-ALVES, 2000).

O hábito de reunir a família em torno de uma mesa farta e regada a boas conversas tem grande simbologia nas casas dos descendentes de imigrantes italianos; os sentidos da tradição, da cultura italiana perpetuam sua herança na presença destes hábitos constantes. No espaço da cozinha está a arte de elaborar o alimento e dar sabor e sentido a eles. Os comportamentos são ações simbólicas que fazem com que as formas culturais se pronunciem. O significado nasce do papel que os agentes sociais desempenham isto caracteriza uma representatividade que se viabiliza como sendo um conjunto de costumes culturais pertencentes a um determinado grupo social (FROEHLICH; VENDRUSCOLO, 2012).

São as memórias afetivas, os cheiros da infância que nos remetem a momentos únicos de alegria fazendo-nos reviver sentimentos a muito adormecidos, conta uma das informantes onde a cozinha era e segue sinônimo de família reunida. Vivendo o terceiro milênio, época de grandes e significativas transformações na sociedade, no trabalho e na família, raros são os momentos que se consegue confraternizar. Para as informantes, juntar todo mundo em volta de uma mesa farta de comida onde os comportamentos refletem a cultura e os valores de origem que ainda se fazem presente no cotidiano. É a reunião em torno da comida que se encontra um potencial significativo de formação de conexões, um elemento intermediário entre as pessoas que trocam sentimentos, tal como se percebeu durante as entrevistas, geralmente na cozinha, em sinal de respeito e visita importante na casa. “A cozinha tem a centralidade da família, revelou uma informante emocionada”, ao final da entrevista.

É na cozinha, segundo a maioria dos relatos coletados das informantes mais idosas, que outros ensinamentos e vivências faziam parte cotidianamente do trabalho desempenhado pela mulher-mãe. Além dos saberes fazeres perpassados pelas gerações, as permanências e preferências por certos hábitos manteve a tradição étnica de origem vivenciando rituais religiosos e sociais que deveriam orientar e guiar a vida dos filhos.

A pesquisa desenvolvida no Mestrado em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria resultou além desta dissertação em um material didático chamado de Foto Livro que é resultado do projeto desenvolvido pela mestrandia, como professora, na rede pública municipal do município de Faxinal do Soturno, Rio Grande do Sul. Assim, espera-se que este trabalho seja uma fonte de entendimento sobre como se dava a transmissão dos saberes fazeres da herança culinária, religiosa e social dos descendentes de imigrantes italianos através do papel desempenhado pela mulher que se constituiu como o objetivo principal deste estudo.

A invisibilidade dada ao trabalho feminino da imigrante passa, com esta pesquisa, a

mudar de eixo, constituindo novos olhares e registros com uma herança identitária de origem que simboliza vivências e trajetórias de vida. As descrições que as nonas fizeram em seus depoimentos revelam a satisfação em percorrerem em suas memórias fatos vivenciados a muito tempo, na tenra infância, quando ainda conviviam com seus velhos pais e também no início da vida de casada. Por mais que, em alguns momentos, as lembranças eram doloridas; no geral, poder voltar no tempo e falar sobre como era a vida antigamente deixava-as satisfeitas revendo as superações que conseguiram transpor para consolidar a família.

A preservação e valorização da cultura local perpassa pela educação sistemática da escola. Pode-se dizer que no processo da Educação Patrimonial a pesquisa realizada conseguiu fazer um caminho cujo objetivo foi identificar o papel da mulher no ambiente da cozinha, sua herança culinária herdada, saberes aprendidos e repassados através das gerações; bem como, o cotidiano dos afazeres e obrigações domésticas que cabia à mulher. Durante o desenvolvimento da pesquisa mostrou-se claramente a importância e contribuição feminina da mulher descendente de imigrantes italianos na formação e consolidação de valores na família, na comunidade e na religiosidade. Sendo assim, devemos fazer novas reflexões e propor novos questionamentos, do tipo: as pessoas se deixam guiar por dogmas religiosos? Como se apresenta, nos dias de hoje, a fé na família? Entende-se que muitas pesquisas e trabalhos podem vir a surgir quando as questões que surgem remetem a maneira que a sociedade constituiu-se e as modificações que as adaptações da cultura original sofreu através dos anos, perpassadas as gerações.

REFERÊNCIAS

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.3, n. 16, p. 233 – 239, 2000.

BONI, Valdete. Poder e Igualdade: as relações de gênero entre sindicalistas rurais de Chapecó, Santa Catarina. *Revista de Estudos Feministas/UFSC*, v.12, n.1, 2004.

CERETTA, Caroline Ciliane. As Representações Sociais nas Festas de Padroeiros da Quarta Colônia. Tese (Doutorado em Extensão Rural), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

FROEHLICH, J. M.; VENDRUSCOLO, R. A construção social da identidade territorial Quarta Colônia: tramas e sentidos da narrativa. In: FROEHLICH, J. M. (Org.). *Desenvolvimento territorial: produção, identidade e consumo*. Ijuí, RS: Ed. da Unijuí, 2012. p. 305-352

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. A *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 3-21.

GRANZOTTO, Carina Maria Niederauer. Semântica cognitiva aplicada: a radialidade da categoria RELIGIÃO nos discursos dos imigrantes italianos (de 1875 à década de 1950). 2014.

PROENÇA, Rosana Pacheco da Costa. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Revista de Nutrição*. Campinas, v.16, n.3, p. 245-256, 2003.

SANTIN, Silvino. *A imigração esquecida*. Porto Alegre: EST, 1986.

ZANINI, C. C. (2006). *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria: UFSM.

Capítulo

02



O café no Brasil

Carlos Francisco Silva Batista

DOI: 10.47573/ayd.5379.2.155.2

RESUMO

É indiscutível que o café faz parte da vida do brasileiro, desde sua entrada em 1627, participando diretamente das políticas nacionais, ditou boa parte do período republicano no tocante a economia, ganhou sabores devido às tecnologias empregadas em sua produção, sofreu com as intemperes e predadores e beneficiou os que o souberam produzir para com estes, fez uso dos meios oriundos da mineração e os expandiu para sua melhor logística, à base de mão de obra escrava e depois imigrante contou sua história de entrada, apoderou-se de áreas de mata nativa, preferiu as regiões mais altas de clima propício, deixou marcas em áreas por ele abandonadas, mas também as beneficiou com outras culturas, Arábica e Conilon fizeram do Brasil campeão em produção, tanto do grão tradicional entre as duas espécies, quanto o café tido como especial produzido em algumas regiões, encantam pelo sabor, aroma e deixa o brasileiro somente à sua escolha, tradicional, meia torra, torra escura, solúvel, em capsula ou incorporado a outros produtos, são muitas as marcas à escolher, cada uma com suas características empregadas na produção, também são muitos os instrumentos encontrados no processo que propicia sua apreciação e por fim toda uma nova cultura é moldada ao consumi-lo, e, partindo do pressuposto de qualidade nacional é a segunda bebida mais querida pelo brasileiro e sinônimo de boa educação oferecê-lo.

Palavras-chave: brasileiro. produção. café

ABSTRACT

It is indisputable that coffee has been part of Brazilian life since its entry in 1627, participating directly in national policies, dictated a good part of the republican period with regard to the economy, gained flavors due to the technologies used in its production, suffered from the weather and predators and benefited those who knew how to produce it for them, made use of the means from mining and expanded them for its better logistics, based on slave labor and then an immigrant told his story of entry, took over areas of forest native, preferred higher regions with a favorable climate, left marks in areas abandoned by him, but also benefited them with other cultures, Arabica and Conilon made Brazil a champion in production, both of the traditional bean between the two species, as well as the coffee as special produced in some regions, they enchant for the flavor, aroma and leave the Brazilian only to choose, traditional, half roast, dark roast, soluble, in capsule or e incorporated into other products, there are many brands to choose from, each one with its characteristics used in the production, there are also many instruments found in the process that provide its appreciation and finally a whole new culture is shaped when consuming it, and, starting from based on the assumption of national quality, it is the second most loved drink by Brazilians and it is synonymous with good manners to offer it.

Keywords: brazilian. production. coffee.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, percebe-se que o homem é um ser dotado de curiosidades e tal curiosidade culminou para criação, descoberta ou invenção das tecnologias existentes na atualidade, a exemplo do fogo que foi descoberto nas antigas sociedades tribais, as armas de caça, as

ferramentas e outras. Dada a criação/invenção de diversas tecnologias, os hábitos alimentares também não ficaram de fora, pois a carne que antes era consumida crua, passou a ser assada após a descoberta do fogo e a água passou com o tempo a ganhar misturas de ervas, transformando-se em sucos e chás.

Considerando a eficiência dos saberes do homem em apropriar-se dos recursos naturais existentes no meio, daí surgiram regiões/países que adotavam uma bebida como típica, a exemplo do Rio Grande do Sul que adotaram o chimarrão como uma bebida típica ou mesmo o Paraguai com o tererê.

Diante do exposto, nos ocuparemos neste trabalho em discorrer sobre a bebida café, dissertando sobre sua origem, seus pioneiros a nível internacional e em nível de Brasil, a descrição da planta e dos seus frutos, os estados que cultivavam e os que cultivam café na atualidade, a mão de obra utilizada anteriormente e a usada atualmente, os lugares para onde é vendido e o que estas vendas representam.

Pensamos que a confecção deste ajudará muitos cidadãos a conhecer a história por trás do tão aclamado e adorado cafezinho como já citado no parágrafo anterior e ao mesmo tempo tem como objetivos específicos, mostrar toda a renda oriunda desta bebida conhecida a nível mundial.

Para a tecitura deste trabalho, pautamo-nos numa pesquisa bibliográfica a luz de teóricos, relatos, artigos, monografias e livros que discorrem sobre o tema.

Este trabalho se divide em quatro partes, sendo a primeira parte destinada a relatar as origens do café, destacando a localidade do seu surgimento, bem como os pioneiros. Num segundo momento discorreremos sobre a chegada do café no Brasil, localidade em que se implantou os cafezais e sobre a mão de obra existente na época.

Na terceira parte, será discutido as tipologias de café existentes no Brasil, a mão de obra atual, os estados produtores de café na atualidade, a geração de emprego e renda, os países para onde o Brasil exporta, bem como o impacto dessas exportações e por fim, mas não menos importante, finalizaremos com as considerações finais.

DESENVOLVIMENTO

Laconismo histórico

Certamente o café é uma das bebidas mais consumidas, sua história deriva de manuscritos que contam a passagem de um pastor de cabras chamado “Kaldi” que percebera que suas cabras reagiam de maneira acelerada, ao consumir os frutos de uma planta específica, o café. Esta história é dada como lenda em muitos lugares e passou a fazer parte da atividade cafeeira como introdução a sua história. Sabe-se que as primeiras plantações de café são originárias da Etiópia.

Segundo Martins (2008):

A fruta vermelha que nasce da flor branca e perfumada do pé de café tem sua origem geográfica nas terras quentes a nordeste da África, em tempos muito remotos. Ali nascia

o verdadeiro café selvagem, em meio à mata, no centro da também lendária região de Kafa, no interior da Etiópia, país de clima árido-tropical, onde hoje se localiza a cidade de Bonga. Até o presente, o arbusto do café é parte daquela vegetação natural. (MARTINS 2008. p. 8).

A Etiópia atualmente está entre os maiores produtores de café do mundo, tendo o produto como a principal renda agrícola, porém, no passado e até mesmo fora da Etiópia, o café inicialmente era consumido como estimulante e preparado de várias formas, a princípio não era conhecido o processo de infusão, o café era colhido em sua fase de fruta, madura quando vermelha, chamada hoje de “cereja”, agradava aos consumidores que adquiriam a planta. Após a descoberta da infusão e mais tarde o processo de torra, iniciou sua mais conhecida história e no início do século XVII, conquistou a Europa e em seguida o mundo.

Café no Brasil

Predominantemente o Brasil cultiva os cafés Arábica e Conilon, o primeiro é responsável pela maior parcela do plantio, as duas espécies são classificadas devido suas diferenças como sabor, formato, preferência de solo, altitude da área de plantio e as possibilidades de misturas. Podemos dizer que o café Arábica prefere ser plantado em grandes altitudes.

Quanto mais alta for a região de cultivo, melhor será a qualidade do grão. Por isso, o café Arábica e suas variedades que são plantadas a 1200 metros de altitude, apresentam uma excelente qualidade.

A espécie é cultivada em diversas regiões do Brasil, sendo os maiores Estados produtores Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Bahia, e uma porção pequena do Espírito Santo. (PAIVA 2021. Review Cafe in: <https://shortest.link/38CZ>).

O café Arábica possui características acentuadas que o fazem ser mais apreciado no Brasil e também o produto com maior aceitação para exportação, o Arábica é mais doce, possui aroma suave e sabor intenso, menos cafeína e participa quase que em sua totalidade a produção de cafés gourmet em relação ao café Conilon, porém, é mais propenso a pragas, solo e clima impróprios do que o Conilon.

Já o café Conilon, ocupa o segundo lugar na produção e o Estado do Espírito Santo se destaca como maior produtor nacional.

A planta se desenvolve com facilidade em regiões de clima quente e úmido, de chuvas irregulares e altitudes mais baixas de até 600 metros.

É um café de maior resistência a ataques de pragas, por isso é mais fácil, prático e econômico de ser cultivado. Sua concentração de cafeína é maior que a variedade arábica (entre 2 e 4,5%), daí a sua forte resistência à doenças. (PAIVA 2021. Review Cafe in: <https://shortest.link/38CZ>).

O café Conilon possui características que exigem um pouco mais do consumidor, como paladar mais apurado e a busca por singularidades no sabor, é mais amargo, contém mais cafeína e está à frente do Arábica no quesito resistência, sua robustez o faz mais forte as intemperes, como mudanças abruptas do clima, ambientes com baixas altitudes entre outros. O Conilon também é o escolhido para produção de café solúvel, apreciado por muitos e encontrado na maioria dos estabelecimentos comerciais alimentícios.

Arábica e Conilon fazem do Brasil o maior produtor de café no mundo, porém, antes de 1727, o brasileiro supostamente não conhecia a bebida, tão pouco o cultivo e seu processo de

produção. A porta de entrada do grão foi a Capitania do Grão-Pará, pertencente ao Estado do Maranhão e Grão-Pará, foram introduzidas por Francisco de Melo Palheta que por determinação do capitão geral do Estado do Maranhão e Grão-Pará, lhe incumbira de restabelecer fronteiras com a Guiana Francesa, trazendo este para o Brasil, sementes da planta, para iniciar seu cultivo em terras nacionais.

CESAR 2018 nos diz que:

Em fevereiro de 1727, o governador do Maranhão e Grão-Pará, João da Maia Gama, nomeou Francisco Palheta como comandante de uma missão na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. O objetivo era resolver uma disputa territorial entre portugueses e franceses (CESAR 2018. Coffee Insight in: <https://shortest.link/38MF>).

VALVERDE 1967 nos conta que, dentre as ordens que Francisco Palheta recebera, havia a recomendação:

Se por acaso entrar em quintal ou jardim ou “rossa” onde houver “Caffe” com pretexto de provar alguma “fructa”, verá se pode esconder algum par de “graon” com todo o disfarce e com toda a cautela. Tão bem se houve Palheta de sua incumbência, que trouxe para Belém cinco mudas e mil e tantas sementes da preciosa planta (VALVERDE 1967. p. 38).

Para CESAR 2018, *“foi o governador da região, que devia estar bem informado sobre o potencial econômico do café, quem ordenou a obtenção de sementes para iniciar o cultivo no país”*. (CESAR 2018. Coffee Insight in: <https://shortest.link/38MF>).

MARTINS 2008 nos conta que:

O envolvimento de Palheta com tarefas de importância para os interesses de Portugal, do reconhecimento de trajetos fluviais ainda obscuros à defesa de fronteiras no território constantemente ameaçado, além da busca de novos produtos agrícolas de interesse mercantil, figurando como agente social típico de seu tempo. Era um militar graduado, funcionário real, a serviço do aumento das rendas da metrópole e das suas próprias, imbuído da ambição comum aos homens que atuavam no Novo Mundo: enriquecimento e poder. (MARTINS 2008. p. 24)

Com os primeiros plantios de café e seu desenvolvimento (alastramento), a Capitania do Grão-Pará pode contar com mais um produto de exportação no final do século XVIII e início do século XIX, juntamente ao algodão, açúcar, cacau e outros cultivos da Capitania. A partir dos primeiros cultivos em solo brasileiro, o café foi introduzido em porções de terras litorâneas e chegou ao Rio de Janeiro em 1760.

Para FAUSTO 2006.

O café chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1760, misturando-se aos pequenos cultivos de pomares e hortas dos arredores da capital da Colônia. Foi, porém, no extenso Vale do Rio Paraíba, atravessando uma parte do Rio e de São Paulo, que se reuniram as condições para sua primeira grande expansão em níveis comerciais. (FAUSTO 2006. p. 186).

O café era plantado em muitas partes da Capitania do Rio de Janeiro, está por sua vez, ocupava na época, os atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e parte do Estado de Santa Catarina, o plantio era realizado quase que em sua totalidade por escravos e a produção e exportação também se beneficiaram das proximidades do porto do Rio de Janeiro.

Desde sua chegada ao Rio de Janeiro o café foi pouco a pouco crescendo em plantio, alcançando áreas de matas e se estabeleceu como um dos principais produtos na época. Os cafeicultores se beneficiaram do clima, solo produtivo e das rotas já existentes na região, oriundas

da extração de minérios e de transporte, que por sua vez, já haviam desmatado grandes áreas.

No tocante as áreas de cultivo, podemos destacar o forte desmatamento da Mata Atlântica, devido a demanda para aumentar a produção. Na busca por novos locais de plantio, não houve cuidados com a terra, o que causou consequências como perda de qualidade do grão, degradação do solo e do ar devido as queimadas.

Para Fausto (2006):

O cultivo do café foi feito com o emprego de técnicas bastante simples. Algumas dessas técnicas de uso do solo, ou, em certos aspectos, de depredação do solo, existem até hoje. A produção era extensiva, isto é, não havia interesse ou preocupação com a produtividade da terra. Esgotado o solo, pela ausência de adubos e outros cuidados, estendia-se o cultivo a novas áreas, ficando a antiga em abandono, ou destinada a roças de alimentos. (FAUSTO 2006 p. 187).

Se no passado os métodos utilizados no processo de produção de café causavam consequências como degradação do solo, desmatamento, grãos de má qualidade e trabalho escravo, o Brasil atual impõe rígida legislação quanto a produção de café, existem leis que protegem o meio ambiente e oferecem segurança e liberdade aos trabalhadores envolvidos na cafeicultura.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria do Café, *“são leis que respeitam a biodiversidade e todas as pessoas envolvidas na cafeicultura, e que punem, rigorosamente, qualquer tipo de trabalho escravo e/ou infantil nas lavouras”* e *após 295 anos da introdução do café no Brasil, “as leis brasileiras estão entre as mais rigorosas entre os países produtores de café”*. (ABIC 2021 Associação Brasileira da Indústria de Café in: <https://shortest.link/38CW>).

O café atuou no crescimento econômico do Brasil desde sua chegada, hoje assume o primeiro lugar na produção mundial, durante todos estes anos de cultivo em terras nacionais, foi meio e alvo de muitos impasses políticos e também motivo de preocupação e orgulho de quase todos os líderes deste país. Podemos destacar alguns momentos marcante, como por exemplo o investimento de fazendeiros que se beneficiaram dos primeiros anos do Império.

Charles Darwin também citou o café em suas anotações ao passar pelo Rio de Janeiro em 1832.

Sublime, pitoresca, cores intensas, predomínio do tom azul, grandes plantações de cana-de-açúcar e café, véu natural de mimosas, florestas parecidas, porém mais gloriosas do que aquelas nas gravuras, raios de sol, plantas parasitas, bananas, grandes folhas, sol mormacento. (GOMES 2014 p. 144)

No final do Império, o café impulsionou o aumento do custo do transporte e consequentemente à implantação de ferrovias para escoá-lo. Já na República, os grandes latifundiários cafeicultores utilizaram do deslocamento do poder para o Sudeste, e, passaram a articular os processos de produção e políticas às suas necessidades. No final do século XIX, o café sofre queda dos preços tanto no mercado interno como externo.

Em 1906, o café levou à promoção de um acordo entre os três maiores estados produtores, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com o intuito de fixar o valor mínimo do café e tratar da produção excedente. A crescente produção de café também sofreu com a falta de recursos à sua compra no exterior.

Devido à inconsistência dos setores após produção, ocorreu sua saturação, grandes

propriedades particulares de cultivo, tiveram que ser desmembradas a outros tipos de cultura, restando ao café, apenas uma parcela ao invés da totalidade de produção.

Após esse período, o café passa a ser assunto e preocupação do Governo Federal e este estabelece políticas para colocá-lo novamente em crescimento, a produção volta a crescer e novas metodologias para manter os preços internos e externos são aplicadas, como o controle das áreas de plantio e a queima da produção excessiva.

A produção de café também passou por reformulações no tocante as tecnologias de plantio e os processos de transformação do produto final, os cuidados com o solo e pesquisas, levaram a uma melhor qualidade do grão e a renovação do cultivo. Com o advento da pesquisa, que possibilitou melhoria significativa da qualidade do café no Brasil, outros países começaram sua produção, e, impôs ao café brasileiro forte concorrência. Outro fator que abalou a produção nacional, principalmente no Estado do Paraná, foi a geada, que por sua vez, assolou a plantação e deixou incertezas quanto a possibilidade de plantios futuros.

A partida do café do Estado do Paraná e São Paulo para Minas Gerais, consolidou-se pelo fato do clima mineiro ser mais estável e propício à produção, grandes áreas de cerrado foram abertas, e, devido a aplicação de tecnologias de manejo de solo, este foi tratado previamente para o plantio. O crescimento da produção, consumo e exportação do café consolidou-se por vários motivos, mas podemos compreender segundo a história do café no Brasil, que, sem um clima propício, uso da tecnologia de manejo de solo e grãos de qualidade, não se pode produzir e manter o mercado estável. Talvez o Brasil se mantenha no ranking dos países produtores de café, por sua localização, extensão territorial e seu público-alvo (externo) ser dependente de sua produção e qualidade.

O Brasil exporta café a muitos países, se destacando os Estados Unidos como maior importador do grão, em 2021 *“adquiriu 7,78 milhões de sacas, volume que representou em torno de 19,3% do total exportado”* (FERREIRA, SANTOS 2022. Embrapa in: <https://shortest.link/38N0>). Em 2021 também se destacou a Alemanha como segundo maior importador, *“com 6,53 milhões de sacas importadas, número que equivale a 16,2% dessas vendas totais ao exterior”*. (FERREIRA, SANTOS 2022. Embrapa in: <https://shortest.link/38N0>).

O brasileiro é também o segundo maior consumidor do café nacional e nos últimos meses vem enfrentando alta nos preços, devido ao grande período de seca entre 2020 e 2021.

Variações e singularidades

Consolidado como maio produtor mundial de café, o Brasil também se destaca por oferecer uma produção singular de grãos especiais. Alguns produtores após observarem a crescente procura por especificidades de sabores, aromas e potencial de misturas, iniciaram novas formas de produção.

Observou-se ao longo dos últimos anos uma sofisticação do perfil de compra do brasileiro, principalmente impulsionado pelo incremento de renda média, o que abriu portas para criação de nichos nesse setor, como é o caso dos cafés especiais. (PROVENZANO 2016 p. 10).

Como já mencionado, o mercado brasileiro é suprido pelas espécies Arábica e Conilon e ambas são alvo de variações durante o processo de produção, essas variações são compre-

endidas pelos trabalhos de seleção de grão em estágio adequado e novas técnicas de mistura, fermentação, estocagem e beneficiamento natural do fruto.

Uma notória variação do produto final é o café solúvel, obtido a partir da desidratação da bebida já pronta.

Ao iniciar a década de 1930, no contexto pós-Crise de 1929, uma delegação brasileira procurou a empresa suíça Nestlé, tradicional no preparo de alimentos desidratados. Na ocasião, era seu presidente Louis Daffles, que já havia morado em São Paulo, a quem foi proposta a ideia de desenvolver um método de desidratar o café, sem que houvesse perda de aroma e sabor quando reidratado com água quente. A presidência da Nestlé viu com bons olhos a proposta e encomendou estudos a seu laboratório em Vevey. Três anos mais tarde, chegou-se ao Nescafé, o café solúvel de preparo instantâneo, com água quente, lançado comercialmente em 1938. No Brasil, porém, a primeira fábrica brasileira de café solúvel – a Nescafé – foi construída em 1953, na cidade paulista de Araras. (MARTINS 2008, p. 258-259).

Este tipo de café como produto final, pode ser encontrado atualmente na maioria dos estabelecimentos comerciais alimentícios.

Existem espalhados pelo Brasil e com maior concentração na região sudeste e sul, os chamados cafés especiais, grãos oriundos de plantio especializado, solo tratado, clima propício, colhido no momento certo, todo este trabalho é realizado de forma manual, o que agrega valor ao produto final, que dispõe de sabor, aroma e selo de qualidade. Os cafés especiais vêm cada mais ganhando mercado nacional e internacional, muitos beneficiadores e até mesmos produtores estão a frente dessa modalidade de produção, podemos destacar as marcas LÓR, Tavo Café, Unique Cafés, Zinn, Santa Mônica, Baggio Café, Dutra Especial, América entre outros.

Cada marca oferece uma gama de opções ao consumidor, como por exemplo a torra média, tida como excelente opção e uma das mais apreciadas, mas, também são ofertadas opções de torra baixa e alta com a finalidade de acentuar a acidez ou o amargor. Também encontramos as misturas entre as variedades vendidas dentro das mesmas marcas, tudo isso para agradar os mais variados paladares.

Outra variação do processo e beneficiamento do café, destaca-se em algumas singularidades na produção atual, como é o caso do “Café Jacu” plantado e extraído no Estado do Espírito Santo e vendido pela empresa “Octávio Café” que vende o “Jacu Bird”, produto final oriundo de grãos de café, que são digeridos pela ave Jacu (Penélope), a ave consome somente os frutos quando estão vermelhos (maduros) e isso segundo os produtores, intensificam o sabor e normaliza o estoque no tocante a seleção de grãos, ao expelir os grãos, estes já se encontram sem poupa, pois a mesma fora digerida pela ave.

Paiva (2021) pontua que:

Ao ingerir os grãos de café, como seu organismo não possui estômago, o processo digestivo é diferente. O pássaro aproveita apenas a polpa e a casca do grão, eliminando a semente intacta, com todas as suas características e com um sabor único. A colheita dos grãos é feita próxima aos cafezais aos pés da árvore, onde as aves costumam deixar seus dejetos. Após colhidos manualmente, os grãos passam por um processo de limpeza, para depois serem torrados e moídos. (PAIVA 2021. Reviel Café in: <https://shortest.link/38CZ>).

Referente a colheita da fruta no momento correto a intervenção natural da ave Jacu (Penélope) faz com que o produto final ganhe sabor intenso e agrade os entusiastas da bebida, este método uma vez observado, passou a ser utilizado por cafeicultores, que, ao notar a crescente

procura por cafés especiais, aderiram a estas práticas de colheita e processo de produção.

Como aliada a propagação e venda da produção de cafés especiais, podemos destacar a venda online, a maior parte das empresas, senão todas, possuem lojas online, web sites que apresentam as variações do café ao consumidor. Este por sua vez pode adquirir o produto por meio de transportadoras ao até mesmo pelos serviços de entrega especializados.

Hoje temos várias marcas à nossa disposição e muitas variações de sabores, receitas e instrumentos dedicados a este produto. Não só a produção se intensificou, como também foi introduzida uma nova cultura de consumo, podemos dizer que o café se tornou fonte de energia e até sinônimo de gentileza ao oferecê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a lenda de Kaldi, consumido como chá, preparos aromatizantes até se tornar um dos principais produtos exportados pelo Brasil, o café conquistou o brasileiro após sua entrada em 1627. A uma infusão da torra e misturas a ingredientes como o açúcar veio muito depois de sua descoberta.

Se apropriou do solo, preferindo lugares altos como regiões montanhosas, de solo fértil e clima ameno, tanto Conilon quanto arábica foram alvo de muitas discussões e deliberações políticas, sobressaindo na maioria das vezes beneficiado no tocante a sua produção, consumo e exportação de grãos. Sofreu dificuldades naturais como geadas, secas duradouras e predadores, se beneficiou de alguns deles, como é o caso do Jacu (Penélope).

O café demorou para chegar ao que é hoje, encontrado em praticamente todo estabelecimento comercial, seja para sua venda ou como cortesia. Por onde passou, adquiriu característica e evoluiu para satisfazer os mais apurados paladares. As espécies Arábica e Conilon foram as que levaram o Brasil ao primeiro lugar de produção mundial e também uma referência como produtor de cafés especiais, possuindo selo de qualidade. Hoje é reconhecido e apreciado por muitos países que o importam.

REFERÊNCIAS

ABIC, Associação Brasileira da Indústria do Café. O café brasileiro na atualidade. 2021. Disponível em: <https://shortest.link/38CW>. Acesso em 15/02/2022.

CESAR, Eduardo. A verdadeira história de Francisco Palheta, introdutor do café no Brasil. 2018. Disponível em: <https://shortest.link/38MF>. Acesso em 11/02/2022.

FAUSTO, Boris. História do Brasil / Boris Fausto. - 12. ed., 1. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Didática, 1).

FERREIRA, Lucas Tadeu,

SANTOS, Jamilsen. Estados Unidos lideram importações dos Cafés do Brasil com a compra de 7,78 milhões de sacas. 2022. EMBRAPA. Disponível em: <https://shortest.link/38N0>. Acesso em: 27/02/2022.

GOMES, Laurentino. 1808 Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta engaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. 2014. 3 ed. rev. Ampl. - São Paulo: Globo. p. 144.

MARTINS, Ana Luiza. História do café / Ana Luiza Martins – 2ed. - São Paulo: Contexto, 2012.

PAIVA, Lucas. Grãos de Café: Principais Espécies e Variedades! 2021. Disponível em: <https://shortest.link/38CZ>. Acesso em 10/02/2022.

PROVENZANO, Alexandre Costa. O MERCADO DE CAFÉS ESPECIAIS EM PORTO ALEGRE 2016. p. 10).

VALVERDE, Orlando. Geografia Econômica do Estado do Rio de Janeiro. Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBGE 1960.



O monumento das Castanheiras como signo da memória do massacre de Eldorado do Carajás

Castanheiras monument (the chestnut tree monument) as a sign of memory of the massacre in Eldorado do Carajás

Batista do Nascimento da Silva

Graduado em Letras e Respectiva Literatura; Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira; Mestrando do PPGEL – FAALC – UFMS.

DOI: 10.47573/ayd.5379.2.155.3

RESUMO

O Pará é formado por dimensões e contrastes sociais que garantiu a promoção de diversos conflitos agrários, atribuindo ao estado alto índice de violência no campo. O Massacre de Eldorado do Carajás é o resultado do tratamento do Estado, com sua política fundiária, descaso político e social. O mesmo promoveu uma alteração em todo cenário regional, que perpassa a noção do concreto, bem como do abstrato, no que tange ao contexto histórico de lutas sociais pela posse da terra, sobretudo nas interrelações de sentidos na convivência homem e natureza no território paraense. O presente artigo¹, referenciando-se teoricamente pelo conceito de signo da semiótica peirciana, apresenta uma análise semiótica do signo “Monumento das Castanheiras na Curva do “S””, situado à margem da atual BR 155, antiga PA 150, local em que aconteceu a chacina que ceifou e mutilou vidas, no dia 17 de abril de 1996. A análise tem como objetivo geral identificar a construção do sentido da memória coletiva dos sujeitos sociais Sem Terra, a partir principalmente da relação do signo [Monumento] com seu(s) objeto(s) de referência, com ênfase para a constituição das castanheiras como parte integrante do Monumento. Objetiva-se analisar o Monumento das Castanheiras, compreendendo a participação das castanheiras como signo da sua própria história e, ao mesmo tempo, participando da manutenção da memória dos mártires do Massacre. A análise do Monumento aborda sua natureza simbólica e explora a relação do signo com seus objetos, no estabelecimento da memória coletiva do sujeito Social Sem Terra.

Palavras-chave: monumento das castanheiras. massacre. memória coletiva. signo e objeto.

ABSTRACT

Pará is formed by dimensions and social contrasts that ensured the promotion of several agrarian conflicts, attributing to the state a high rate of violence in the countryside. The Massacre of Eldorado do Carajás is the result of the State's treatment, with its land policy, political and social neglect. It promoted a change in the entire regional scenario, which permeates the notion of the concrete, as well as the abstract, regarding the historical context of social struggles for land ownership, especially in the interrelationships of meanings in the coexistence of man and nature in the territory of Pará. The present article, referring theoretically to the concept of sign from Peirce's semiotics, presents a semiotic analysis of the sign “Monumento das Castanheiras na Curva do “S”” (The chestnut tree monument at the “S” curve), located on the sidelines of the current BR 155 road, former PA 150, where the slaughter that claimed and mutilated lives took place on April 17th, 1996. The general goal of the analysis is to identify the construction of the meaning of the collective memory of the Landless social subjects, based mainly on the relationship between the sign [Monument] and its object(s) of reference, with emphasis on the constitution of chestnut trees as an integral part of the Monument. The objective is to analyze the Castanheiras Monument (Chestnut tree monument), understanding the participation of chestnut trees as a sign of their own history and, at the same time, participating in the maintenance of the memory of the Massacre martyrs. The analysis of the Monument addresses its symbolic nature and explores the relationship between the sign and its objects, in the establishment of the collective memory of the Landless social subject.

Keywords: castanheiras monument. massacre. collective memory. sign and object.

¹ Este artigo foi iniciado após cursar a disciplina Semiótica Peirciana, no PPGEL/UFMS, em 2021, ministrada pela professora Eluiza Bortolotto Ghizzi, tendo contado também posteriormente com a colaboração da professora na revisão da aplicação da teoria.

INTRODUÇÃO

No início de abril de 1996, as famílias de Trabalhadores Rurais Sem Terra, acampadas no acampamento provisório Formosa situado no município de Curionópolis, decidem coletivamente realizar uma jornada de luta pautada numa marcha rumo à capital paraense, Belém, para reivindicar dos órgãos competentes, entre eles – o INCRA [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária], a criação de um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, na Fazenda Macaxeira, situada no município de Eldorado do Carajás, no sudeste do estado do Pará. Iniciou-se a marcha saindo do acampamento no dia 10 de abril de 1996 e, após seis dias, no dia 16 do mesmo mês, as famílias chegam ao local denominado Curva do “S”, na PA 150, por volta das 13h da tarde. Na mesma tarde os Sem Terra interditam esse ponto da PA 150, por pouco mais de duas horas. No dia seguinte, 17 de abril, ao principiar do dia, interditou-se novamente a PA 150 (hoje BR 155), objetivando provocar o Estado para a negociação proposta. Mas, nesse mesmo dia, o inesperado acontece, com a chegada da polícia militar do estado do Pará, cuja ação resultou em uma chacina, com a morte de 19 trabalhadores Sem Terra e a mutilação de outros 69. O ocorrido passou a ser conhecido desde então como o Massacre de Eldorado do Carajás. Eu, meus irmãos e minha mãe, estávamos entre os presentes e sobreviveríamos ao fatídico episódio de chacina. No ano seguinte, em 1997, foi criado o “Assentamento 17 de Abril”, para assentar as famílias sobreviventes nas terras desapropriadas da fazenda Macaxeira, no qual minha família foi assentada.

No primeiro semestre de 1999 o MST, através de seus sujeitos sociais – assentados e acampados sobreviventes do Massacre – inicia os trabalhos no local do massacre para construir, a partir da ação coletiva, uma representação memorial dos mártires tombados na curva do S em 17 de abril de 1996. Para somar-se nesse ato é convidado o artista plástico e dramaturgo Dan Baron Cohen².

O MONUMENTO DAS CASTANHEIRAS

[...] chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. (CHOAY, 2001: pag. 18).

O Monumento das Castanheiras, resultante da ação do MST, por meio dos seus sujeitos sociais, é um dos símbolos em memória permanente da luta e resistência dos trabalhadores e trabalhadoras camponesas que estiveram à margem da BR 155 na tarde de 17 de abril de 1996, quando 19 trabalhadores foram assassinados e 69 ficaram mutilados. Foi construído à beira da BR 155, no mesmo local do massacre, a Curva do S, três anos após o fatídico episódio do Massacre de Eldorado.

O Monumento eleva-se entre outros elementos materiais, com troncos de castanheiras mortas, oriundas da região conhecida com o título de *Polígono dos Castanhais*³ e que se encontrava à época em extinção, pela ação conjunta dos latifundiários, que destinavam a terra para implementação da pecuária extensiva, e dos madeireiros, que extraíam a madeira para comercialização. A idealização do uso das castanheiras na construção do monumento partiu das

² Dramaturgo anglo-brasileiro que concebeu o monumento a partir das socializações com as famílias de trabalhadores Sem Terra sobreviventes da chacina.

³ Parte da mesorregião sudeste do Pará que existiu maior concentração da árvore castanheira.

respostas dos Sem Terra às indagações feitas por Dan Baron aos sobreviventes, no sentido de instigá-los a criar a concepção do monumento a partir da sua própria realidade. Surgiram então as proposições de utilizarem as castanheiras, como relata Cambraia:

As sugestões iniciais incluíam uma estátua de um punho cerrado segurando uma foice. Rapidamente, a árvore da castanheira começou a ser recorrente nas propostas. Típica da região do Pará, nas bordas na Floresta Amazônica, a castanheira é cultivada pelas suas castanhas e dizimada pelos fazendeiros para abertura de pastos. Da mesma forma, os pequenos colonos não têm acesso à terra devido aos interesses econômicos dos grandes proprietários (CAMBRAIA, 2012).

Além desse vínculo com a história da transformação do território, o uso das castanheiras no monumento ganhou outras funções. Elas são em número de 19, o mesmo número de trabalhadores mortos na chacina. Assim como esses homens, as castanheiras estavam mortas quando foram coletadas. A sua distribuição no terreno – fincada ao chão e mantendo a posição vertical –, segue uma linha imaginária que é análoga à forma do mapa do Brasil, sendo que, além das castanheiras que fazem o contorno, algumas árvores mais grossas foram selecionadas para serem posicionadas e representarem as áreas com maiores índices de conflitos agrários. Uma referência à sua forma e composição pode ser lida a seguir:

O monumento é formado por 19 castanheiras (mesmo número de trabalhadores mortos da chacina) queimadas e mutiladas para representar as vítimas do confronto entre policiais e sem-terra. As castanheiras que são árvores nativas do Pará também são alvo dos fazendeiros da região que as derrubam e queimam para abrirem pasto para o gado. Se olhado de cima o monumento das castanheiras forma o contorno do mapa do Brasil, e no centro deste há um altar com pedras vermelhas e os nomes dos trabalhadores rurais mortos na chacina, (VILELA; OLIVEIRA, 2020).

A curva do “S”, lugar onde foi construído o Monumento das Castanheiras, um espaço de afirmação da memória dos Mártires de 17 de abril, lugar de manifestação da luta coletiva, tido como território sagrado para os trabalhadores [acampados e assentados] Sem Terra, é reconhecido como tal e tem seu estatuto físico e simbólico garantido pela resistência coletiva e, mais recentemente, pelo Projeto de Lei 117/2018, de autoria do deputado estadual Dirceu Ten Caten, PT-PA, aprovado em 17/04/2019 pela Assembleia Legislativa do Pará⁴, que “declara e reconhece como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Pará, a Curva do “S”, local onde ocorreu o Massacre de Eldorado do Carajás, no dia 17 de abril de 1996, fato que resultou na morte de 19 trabalhadores sem-terra” (jornal manancial, 2019).

Em 2006, o Monumento passou por uma restauração e, atualmente, é conhecido nacional e internacionalmente como uma memória viva, tanto para quem passa na rodovia BR 155, quanto para os que têm a dignidade de valorizar aqueles que tombaram na luta em defesa de uma vida social melhor e de um pedaço de terra para garantir a subsistência familiar e, também, de todo o conjunto dos trabalhadores que lutam pela posse de terra no Brasil.

AS CASTANHEIRAS: RELAÇÃO ENTRE SIGNO E OBJETO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Na definição de Peirce (2003, p. 76), um símbolo é “[...] um signo [que] se constitui em signo simplesmente ou principalmente pelo fato de ser usado e compreendido como tal, quer seja o hábito natural ou convencional [...]”. Ele reconhece que um símbolo é um signo que, tal

⁴ <https://www.alepa.pa.gov.br/noticiadep/254/134>.

como uma palavra, está ligado a seu objeto por uma convenção que determina que ele deve ser entendido de tal modo.

Figura 1 – As Castanheiras de Eldorado do Carajás



Fonte: periodicos.ufpa.br. Fotografia.

O Monumento das Castanheiras, que pode ser visto na imagem da Figura 1, faz-se compreender, na sua dimensão simbólica pelos trabalhadores sobreviventes da chacina, bem como pelos visitantes ou viajantes que passam diariamente à margem da BR e presenciam as Castanheiras ou, até mesmo sem o contato direto, ou seja, também mediante as fotografias –, essa dimensão do signo está presente, que é comum nessa compreensão é o acesso àquilo que se convencionou na sua criação, ao significado compartilhado.

Esse significado, contudo, exige a percepção atenta e a sensibilidade daqueles que se colocam diante do Monumento, para acessar os objetos do signo. Observa-se que não se trata de uma figuração da chacina ou de um dos trabalhadores mortos, como poderia ter sido. As Castanheiras que constituem o monumento criam uma relação de sentido para o coletivo dos Sujeitos Sem Terra, que é geral e abstrata, como todo símbolo deve ser, mas, junto a essa abstração, carregam elementos qualitativos e singulares, em uma colaboração entre ícones, índices e símbolos com potencial para gerar um signo complexo.

O fato de se tratar de castanheiras mortas e carregando as marcas de queimadas, deslocadas de áreas de desmatamento que desencadearam sua inserção na lista de “em extinção”, comprime a relação entre signo e objeto, elas não apenas representam o todo das castanheiras mortas, elas são essas castanheiras, parte delas. Como tal, estão diretamente ligadas às áreas de conflito agrário, tornam isso realidade para as pessoas que visitam o Monumento.

O número de castanheiras é outro signo que tem que ser entendido na sua dimensão mais geral, de representante de trabalhadores em geral que foram assassinados em conflitos agrários, mas que aponta para e lembra especificamente os 19 trabalhadores mortos da chacina. Colaboram com esse signo as 69 pedras pintadas em vermelho para lembrar sempre o sangue derramado e representar os trabalhadores mutilados – todas ao entorno da placa com os nomes dos 19 mártires.

Por tudo isso, por seu vínculo real com a história do lugar, dos trabalhadores e dos conflitos agrários, as castanheiras orientam um olhar semiótico que infere acerca dos sentidos presentes no monumento. Tudo isso, que é extra-semióticoextra semiótico, deve ser considerado na

análise, pois a semiótica, conforme Santaella (2002, p. 6),

[...] não é uma chave que abre para nós milagrosamente as portas dos processos de signos cuja teoria e prática desconhecemos. Ela funciona como um mapa lógico que traça as linhas dos diferentes aspectos através dos quais uma análise deve ser conduzida, mas não nos traz conhecimento específico da história, teoria e prática de um determinado processo de signos. Sem conhecer a história de um sistema de signos e do contexto sociocultural em que ele se situa, não se pode detectar as marcas que o contexto deixa na mensagem. Se o repertório de informações do receptor é muito baixo, a semiótica não pode realizar para esse receptor o milagre de fazê-lo produzir interpretantes que vão além do senso comum.

Os signos presentes no Monumento, portanto, devem ser lidos sob o pano de fundo da realidade local. Importante frisar que não se trata de uma história distante, mas de uma realidade ainda presente e viva. Por tudo isso, a consolidação do Monumento se vale das objetividades e subjetividades expressivas e praticadas pelo coletivo de sobreviventes do Massacre, e até dos que não presenciaram a chacina, que continuamente ativam o local com eventos e participam da construção permanente da memória coletiva.

Castanheiras mortas que ganham vidas no representar vidas mortas, uma relação do signo com seu objeto cuja vida cresce e se complexifica como um grande rio, conforme as muitas afluências, em um movimento dinâmico e potencialmente infinito para ele confluem. Conforme escreveu Santaella (1995, p. 11), “A ação do signo, que é a ação de ser interpretado, apresenta com perfeição o movimento autogerativo auto gerativo, pois ser interpretado é gerar um outro signo que gerará outro, e assim infinitamente, num movimento similar ao das coisas vivas”.

Nesse contexto, um olhar se faz necessário para o fato de que as árvores, embora deixadas no Monumento na condição de ruínas, em pura decomposição, ora acentuada por novas ações predadoras do homem, ressignificam seu valor original, como produtoras de castanhas. Nesse seu novo despertar, afetam nosso imaginário e provocam sensações e vibrações coletivas de seres humanos, vidas em movimento no rememorar a partir das emoções e sentimentos de pertencimento a uma causa [luta por reforma agrária popular e justiça social], que estimula outros sujeitos no puro ato de contemplar o Monumento lembrança do Massacre de Eldorado.

Figura 2 – As Castanheiras de Eldorado do Carajás



Fonte: Jornal Manancial.

Numa relação de representação do signo para com o seu objeto, entende-se que o primeiro pode, no ato de representar, nos colocar diante de uma variedade de objetos, como bem

delineado por Peirce:

[...] um Signo pode ter qualquer número deles – podem ser uma coisa singular existente e conhecida ou coisa que se acredita ter anteriormente existido ou coisa que se espera venha a existir ou coleção dessas coisas ou qualidade ou relação ou fato conhecido cujo Objeto singular pode ser uma coleção ou conjunto de partes ou pode revestir algum outro modo de ser, tal como algum ato permitido, cujo ser não impede que seja negação igualmente verdadeira ou algo de natureza geral, desejado, exigido ou invariavelmente encontrado sob certas circunstâncias comuns, (C.P. 2.230 *apud* SANTAELLA, 1995, p.48).

As Castanheiras, na constituição do monumento, complexificam sua condição de signo, na medida em que não apenas permitem sua relação convencional com “algo diverso” – o evento Massacre de Eldorado do Carajás –, mas chamam a atenção para um aspecto da dimensão existencial desse objeto – a morte de 19 trabalhadores. De modo análogo, não apenas simbolizam a morte, mas são elas próprias coisas mortas. Tudo isso diversifica a objetivação do signo, mas, principalmente, torna-o mais consistente, instituindo sentidos que à memória coletiva de seus mortos e de seus recortes de experiências e vivências como instrumentos que consolidam a luta pelo processo de resistência na concretude do objetivo de ter a posse da terra – de uma reforma agrária popular⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, por meio da análise do Monumento das Castanheiras de Eldorado do Carajás, um dos principais símbolos da resistência e das lutas dos Sujeitos Sociais Sem Terra, procurou elaborar a construção de sentidos que emerge do sentimento coletivo dos sobreviventes do Massacre, bem como dar a conhecer esse Monumento, forma permanente de memória dos Mártires que tombaram na luta pela terra e da relevância das castanheiras para os trabalhadores camponeses do sudeste paraense, sobretudo da região do Polígono dos Castanhais⁶. Ao mesmo tempo, pretende abrir caminhos para outros estudos semióticos das diversas formas de sentidos presentes nos símbolos do MST. Espera-se, também, que este trabalho contribua de maneira satisfatória com os estudos alicerçados pela semiótica peirciana, a partir da análise com o recorte da relação entre signo e objeto na representatividade do Monumento das Castanheiras.

REFERÊNCIAS

CAMBRAIA, Maria Sílvia. LUGARES DE MEMÓRIA: o monumento do massacre de Eldorado dos Carajás. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonico.com.br/print.php?articleID=108&modo=1>>. Acesso em: 22 de nov. 2021.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação liberdade: UNESP, 2006

JORNAL MANANCIAL. Xinguara, 22 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://www.jornalmanancial.com.br/noticia/2016>>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. Trad. José Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTAELLA, Lucia. A teoria geral dos signos: semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

⁵ <https://mst.org.br/2021/07/16/o-que-e-o-programa-de-reforma-agraria-popular-do-mst/>.

⁶ <https://mst.org.br/2021/07/16/o-que-e-o-programa-de-reforma-agraria-popular-do-mst/>.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

VILELA, Lucas Gonçalves; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. Os monumentos em memória da arbitrariedade da policiapólicia militar. V Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão. Goiás: UEG, 2020. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/article/view/127979//9778/> Acesso em: 04 de nov. 2021.



O Reisado na cidade de Boa Hora - PI, (1997 a 2019)

Lenildo Martins Lustosa Pereira

Graduado em Licenciatura Plena em História, Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Graduado em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Bacharel em Direito, Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

DOI: 10.47573/ayd.5379.2.155.4

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a cultura popular presente no Reisado na cidade de Boa Hora, nas décadas de 1997 á 2019. O Reisado foi introduzido no Brasil pelos colonizadores portugueses, mas recriado por nativos e desenvolvido no município de Boa Hora – PI, com características próprias, realizado, sobretudo com o intuito de se pagar promessas. O Reisado é uma tradição secular e torna-se a própria missão de vida daqueles que se entregam a ela. A festa de Santos Reis se inicia no dia 31 de dezembro á 06 de janeiro de cada ano. O objetivo é comemorar a jornada bíblica dos Reis Magos até o encontro do Menino Jesus. Neste período, grupos de reis compostos de vários personagens como as cantadeiras, os caretas, o boi, o mandador saíam de casa em casa dançando e entoando versos que contam a história da visita dos reis magos ao Menino Jesus na manjedoura, em Belém. E tendo este panorama delineado por essa devoção popular, buscamos compreender seus símbolos e assim como isso a influência de vida desses sujeitos. Para obtenção de dados para o desenvolvimento desse artigo, buscou - se as leituras dos seguintes autores: Marta Abreu, Soihet Rachel, Carlos Rodrigues Brandão; tendo como fontes textos, livros, fotografias, entrevistas, CD e vídeo. Para procedimentos metodológicos foram usados os seguintes métodos: histórias orais entrevistam com pessoas ligadas ao Reisado.

Palavras-chave: Reisado. cultura popular. Boa Hora.

ABSTRACT

This article aims to analyse the present popular culture in Reisado in good time, in decades of 1997 to 2019. The Reisado was introduced in Brazil by the Portuguese colonists, but recreated by natives and developed in good time – PI, with its own characteristics, accomplished, especially in order to pay promises. The 5.4 is a time-honored tradition and becomes his life mission of those who give themselves to her. The Sami party starts on 31 December to 06 January each year. The goal is to commemorate the biblical journey of the Magi to the baby Jesus. During this period, groups of Kings made up of multiple characters as the chanters, the grimaces, the ox, the mandador went from House to House dancing and singing verses that tell the story of the visit of the Magi to the baby Jesus in the manger, in Bethlehem. And having this overview outlined by this popular devotion, we seek to understand their symbols and as well as that the influence of these subjects. To obtain data for the development of this article, we sought if readings of the following authors: Marta Abreu, Rachel Soihet, Carlos Rodrigues Brandão; having as a source texts, books, photographs, interviews, CD and video. For methodological procedures were used the following methods: oral history interview with people linked to 5.4.

Keywords: Good Time. popular culture. reisado.

INTRODUÇÃO

O Reisado foi introduzido no Brasil pelos colonizadores portugueses, mas recriado por nativos e desenvolvido no município de Boa Hora – PI, com características próprias, realizado, sobretudo com o intuito de se pagar promessas. Em relação à pesquisa o presente estudo tem por finalidade abordar a festa de reis em um olhar, dando ênfase as permanências e mudan-

ças desta manifestação cultural popular no município de Boa-Hora – PI. Diante da contribuição cultural do Reisado para a cidade de Boa-Hora (PI), a presente pesquisa tem como relevância o seguinte questionamento: Como as mudanças e permanências no Reisado contribuíram para a construção da identidade do Reisado em Boa Hora – PI? É imprescindível analisar a essas mudanças e permanências como fator de construção de dessa cultura popular em Boa Hora- PI. Ressaltando com isso um novo olhar sobre essa temática. Com relação aos objetivos específicos é importante compreender como a população se relaciona com a questão da representatividade do reisado e entender a manifestação cultural do reisado em Boa Hora PI. Além disso, o Reisado é um marco cultural para o povo de Boa Hora PI, á propósito surgiu o interesse de abordarmos “a formação dessa identidade cultural do reisado” tendo em vista a folia como manifestação popular, todavia, a romaria está passando por modificações ao longo do tempo em decorrência de diversos fatores que estão relacionados ao advento da modernidade e com isso vêm ocasionando reconstruções de identidades. Para entendermos a importância de realizar este estudo com o intuito de compreender a construção dessa identidade cultural popular em meio a mudanças e permanências. Metodologicamente realizamos entrevistas com os devotos de Santos Reis relatando as suas experiências através dos “milagres” concedidos. Executamos um levantamento bibliográfico com as fontes escritas que aborda o reisado, identidade e cultura dinamizando a pesquisa, e com isso analisamos os dados colhidos e as mudanças e permanências que ocorreram na festa de Santos Reis.

REISADOS COMO CULTURA POPULAR.

Desde o século XIX, o campo historiográfico de maneira vertiginosa, uma vez que, expandiu seus lugares de atuação, abrindo espaço para novos objetos e intersecções com outras disciplinas, principalmente a partir das influências das análises do que viria a ser chamado de nova história.

Desde que a história da humanidade se alargou, tudo tem dimensão histórica não e o fato em si mesma, mas eventualmente possa representar para o destino da humanidade. Este destino, e por isso mesmo, o único fio condutor na busca do significado da infinidade de moléculas factuais que engrossam o oceano da história (MATTOSO, 1988, p. 17)

Tornou-se então comum pensar que tudo é historia isto devido, sobretudo a abertura de novos campos de investigação como a infância, a loucura as festas. Diante desta vastidão de objetos a serem examinados cabe ao pesquisador fazer os recortes temáticos e temporais necessários e, de acordo com esses, adotar a coerente epistemológica que mais aproxime ao objeto e seus interesses.

O dialogo com outras disciplinas ampliou o horizonte historiográfico, notamos que as práticas existentes na cultura popular fornecem diversos elementos não apenas para preencher lacunas, mas para as praticas das pessoas que muitas vezes ainda não foram inseridas no estudo da historiografia. Conforme Marin, na busca para ampliar seus horizontes, “a história como ciência em construção, tem buscado vários objetos, problemas sujeitos e ampliado suas fontes” (MATOSO 1999, p. 119).

Para Carlos Rodrigues Brandão (1986), definir cultura popular é localizá-la em países como o Brasil, onde o acesso é chamado modernidade não eliminou práticas e tradições ditas Pré-modernas. O mundo da cultura e das praticas culturais é e sempre foi repleto de contradi-

ções e conflitos que podem ser rapidamente observado na sociedade brasileira.

Cultura popular destaca-se a compreensão da realidade entre as culturas ditas tradicionais e populares, e a avaliação sobre as irresistíveis pressões e transformações supostamente impostas pela modernidade, em qualquer período histórico.

A história das Festas de Reis

Para analisar a festa de reis como elemento histórico há uma dificuldade eminente nesse labor, pois é escassa a produção histórica a respeito das festas de reis. Desta forma fica difícil delimitar sua origem. Sabe-se que hoje a história não está mais rígida na ideia de se precisar origens, mas sua principal preocupação tornou-se compreender a maneira como as representações vão norteando as práticas daqueles que viveram e vivem.

Conforme Brandão (2003.p. 44) o ritual da festa de reis costuma ser vista como festa folclórica...

Ela é persistência cultural popular, é uma tradição muito antiga do catolicismo. É anônimo o ritual, não tem autor ou dono, embora cada companhia tenha seu mestre, embaixador ou chefe. A festa é um complexo rito coletivizado. Sobre uma estrutura básica que no Brasil se esparrama do Rio Grande do Sul ao Maranhão, há criações pessoais, há formas peculiares de cada um “companhia” refazer e recriar.

Dentro desse contexto o autor fala que festas de reis são semelhantes, e ao mesmo tempo revelam diferenças entre as regiões. Mas é necessário perceber também que tais diferenças podem ser encontradas não apenas em regiões distintas bem como na mesma cidade. Percebe-se também que há diferentes significados tanto de elementos como rituais de um mesmo grupo.

Surgimentos da festa de reisado no Brasil

O reisado, verdadeiro amálgama de folguedos vários, mistura de influência das mais diversas (religiosas, profanas, nobre e popular) que se vê em processando há mais de 60 ou 70 anos atrás.

As festas de reis, que são vistas no Brasil de um amalgamado de tradições e ressignificações que iniciaram provavelmente na Europa, e que foram introduzidas a partir da colonização pelos portugueses. No que se refere à origem dessa festa no Brasil Ferreira diz que:

Essa tradição, como também a dança das pastorinhas vem do início da colonização brasileira, em que os catequistas ensinavam aos índios como festejar os Reis Magos. Anchieta os instruiu na arte de armar presépio, defronte dos quais os indígenas cantavam e dançavam, animando os folguedos natalinos e a comemoração de Reis, época de maior afluência nas aldeias (FERREIRA, 1994. p. 22).

A respeito dessa tradição observou-se que o ato de comemorar os Reis magos era um costume típico da Europa cristã que foi introduzida no Brasil, no entanto como forma de devoção do povo brasileiro – em especial a classe popular, esse drama litúrgico foi se tomando características muito próprias, tornando-se uma festa genuinamente brasileira¹.

No Brasil provavelmente o intuito dos primeiros catequistas era criar mais uma intimidade dos nativos com figuras no máximo dentro do universo religioso católico, que são Maria (Nossa Senhora), José (o operário) e o menino Jesus (o Filho de Deus). Esses três correspon-

¹ FERREIRA, Moacyr Costa. *Os Magos em folias de Reis*. São Paulo: Edicon, 1994.

dem à sagrada família, ícone de suma importância dentro não apenas das devoções católicas do catolicismo popular, contudo, a devoção de caráter passou a considerar os reis magos como elemento central de suas devoções do período natalino.

A festa de Santos Reis em Boa Hora

A festa de Santos Reis em Boa Hora é um contexto cultural e religioso dos devotos, buscarem o significado dessa festa e sua importância para a população na qual está inserida e de fundamental importância.

Boa Hora é, portanto uma cidade pequena, que realiza essa festa a qual está ligada ao mundo da religiosidade. Contudo é necessário apresentarmos alguns aspectos sociais e geográficos e também sobre as festas religiosas.

O município está localizado na microrregião do Baixo Parnaíba Piauiense, compreendendo uma área de 338,65 km, tendo como limites ao norte os municípios de Barras e Piri-piri. Ao sul Boqueirão do Piauí e Cabeceiras do Piauí, a leste Piri-piri, Capitão de Campos e Boqueirão do Piauí, e a Oeste Cabeceiras do Piauí e Barras. A sede municipal tem as coordenadas geográficas de 04° 24' 39" de latitude sul é 42° 05' 09" de longitude Oeste e dista cerca de 140 km de Teresina.

Segundo pessoas que foram pesquisadas², o reisado praticado em Boa Hora é o que foi totalmente recriado, principalmente pelos escravos, dentro dos cativeiros. Quando os mesmos eram trazidos da África para o Brasil. A situação de sofrimento a que era submetido fazia os mesmos adoecerem de uma doença chamada banzo, que eram uma tristeza enorme que sentiam devido à saudade de sua terra, por isso os donos de escravos permitiram que eles festejassem santos cristãos a própria igreja católica aconselhava os patrões a deixar os escravos a festejar os seus. Inclusive tirarem os seus reis. Pois, eles tinham bastante facilidade de recriar suas festas inclusive o reisado, que eram uma das festas mais animadas e que eles gostavam de festejar. Só que nessas festas ditas cristãs os escravos introduziam uma série de novos elementos como indumentárias feitas de palha, rituais cômicos dentre outros, recriando assim quase totalmente o ritual e os elementos destas festas³.

Desde então o reisado ficou marcado e vem passando de geração para geração. Não se sabe exatamente quais foram os primeiros tiradores de reis em Boa Hora, nem nomes de pessoas, o que se sabe é que desde 1840 para traz já existia o reisado o mesmo foi trazido para o Brasil pelos portugueses mais recriados dentro dos cativeiros segundo a professora Teresinha Dias da Silva Rocha. (2013) que pesquisa sobre a festa de reis em Boa Hora, afirma que se pode perceber ligação entre o cativo e o senhor pela linguagem “*meu anjo, meu senhor, meu branco*”.

A jornada da festa do Santo Reis em Boa Hora

Ao escrevermos a história do Reisado em Boa Hora – PI é necessário atentar para o universo religioso dos devotos dos Santos Reis.

² ENTREVISTA Teresinha Dias da Silva Rocha. Professora, pesquisadora, escritora e devota dos Santos Reis. Residente na localidade Pantanal, Boa Hora - PI. Entrevista concedida à Neusa Martins em 06 de agosto de 2013. Boa Hora: UESPI, 2013. 60min (aprox.) ENTREVISTA Domingos Coelho de Resende. Professor, e devota dos Santos Reis. Residente, Boa Hora - PI. Entrevista concedida à Neusa Martins em 06 de agosto de 2019. Boa Hora: UESPI, 2019. 50min (aprox.)

³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 2ª Edição 1986.

Ao pesquisar sobre o Reisado em Boa Hora é preciso pensar em suas particularidades, pois apesar de ser uma festa de cunho religioso em que o objetivo é rememorar a jornada dos Reis Magos, os personagens da festa, ritual, a simbologia diferem em alguns aspectos de outras partes do Brasil. Tendo em vista essas singularidades e diferentes formas de apresentar essas práticas então iremos refletir suas formas, buscando entender e perceber os significados da jornada.

Segundo relatos dos próprios devotos também dos entrevistados e mesmo sobre a observação feita sobre esses detalhes da festa é importante perceber que os grupos que formam cada comitiva, ou seja, os integrantes de cada grupo saem de porta em porta todos caracterizados, onde os mesmos seguem com instrumentos para animar a festa, duas cantadeiras, três caretas, um tocador de sanfona, o boi, um dançador e o mandador e demais pessoas. Essa visitação segundo os relatos dos próprios devotos é como se fosse a própria Nossa Senhora que chegasse cantando nas portas e pedisse para receber o Boi, pois o Boi simboliza o próprio Menino Jesus.

Figura 1- A visitação do boi.



Fonte: Arquivo Pessoal de Lenildo Martins (2014).

Na época da visitação a equipe entra nas casas que as aceitam, e cantam pedindo a proteção dos Reis Magos para as famílias para que as pessoas o abençoem. Essa visitação trata-se muitas vezes de um momento de confraternização entre amigos. E para os devotos, este é um dos momentos mais especiais da liturgia, pois para eles esse momento é muito importante, por eles sentirem um pouco da proteção dos próprios Reis Magos.

É importante perceber que essa festa, inicia sua jornada em trinta e um de dezembro com a saída da casa do próprio tirador de Reis, isso é daquele que fez a promessa, isto significa dizer que o local de partida é o lugar onde são avisados do nascimento do Messias, então ali se inicia a jornada.

Os elementos simbólicos dentro da Festa de Reis

É de relevante importância perceber a relevância dos símbolos que foram abordados no decorrer dessa pesquisa, pois essa festa é, portanto, dentro de um universo simbólico onde, cada elemento representa significados e simbologias singulares.

Para Geertz (1989, p. 104), os símbolos religiosos formidam uma consequência básica

entre um estilo de vida particular e uma metafísica. Os símbolos são elementos chaves para que a fé se manifeste entre os religiosos.

Ainda esse respeito o teólogo Higuete nos diz que:

O simbolismo religioso é a linguagem que expressa e interpreta a dimensão transcendente da experiência. Nos símbolos, o homem traduz com elementos emprestados do seu mundo a relação com um incondicional que atravessa o ânimo: através do símbolo conserte em remeter para além de si mesmo. (1984, p. 22).

Busca-se neste momento tratar especificamente de alguns elementos simbólicos e significativos, não da realização da Festa de Santos Reis. Estes expressam ricos significados, e relatam e dão ênfases as passagens bíblicas e, os mesmos agregam as novas interpretações originadas, no entanto da tradição oral.

As Cantadeiras e os Cânticos

As cantadeiras de reisado, que são mulheres, são as encarregadas de iniciar o ritual da visitação do boi, entoando cânticos relacionados às narrativas bíblicas dos Reis Magos e o objetivo da visita é acordar o dono da casa entram e entregam a imagem dos Santos Reis ao dono da casa.

Figura 2 - As cantadeira na porta das casas.



Fonte: Arquivo Pessoal de Lenildo Martins (2014).

Observa-se que as pessoas que fazem parte do grupo de reisado estão revestidas de um grande poder, podendo inclusive fazer com que outras pessoas se emocione e aceite receber a romaria em sua casa, mostrando respeito pelo que elas representam. Teresinha Dias confirma esse papel desempenhado pelas cantadeiras dentro do Reisado:

As cantadeiras é como dizem mesmo o ditado popular, é como se fosse o cartão de visita. Elas chegam se apresentam e cantam, elas tem a responsabilidade de acordar o dono da casa pra que ele se levante e vá lá pra fora receber a romaria. Então o papel das cantadeiras é tocar o coração do dono da casa, chamar, fazer com que ele se levante, venha cá, venha nos receber, venha receber nossos companheiros.

Vale notar que as músicas tem objetivo principal de acordar o dono da casa e fazê-lo receber a romaria, que é composta de duas cantadeiras, três caretas, um sanfoneiro, o mandador, o boi, a família de quem está pagando a promessa dentre outras pessoas.

Os Caretas

Os caretas são também um dos elementos de ricos significados na festa dos Santos

Reis, uma vez que são chamados também de palhaços, estes são geralmente formados por três. Essa figura de inúmeros significados são entendidos como os próprios Reis Magos.

Figura 3 - A dança os caretas.



Fonte: Arquivo Pessoal de Lenildo Martins (2014).

Conforme salienta Ferreira (1994), a respeito desses personagens bíblicos conhecidos por “três reis magos” ou “Santos Reis” da mesma forma, Teresinha Dias da Silva Rocha, pesquisadora, reconhece-nos, e fez uma relação dos membros aos três personagens que são atribuídos ao reisado pelo qual chamamos de “Caretas” a pesquisadora também faz alusão sobre a jornada. Dessa forma apontamos alguns argumentos da pesquisa a esse respeito. Sabe-se que o estudo feito sobre os Reis Magos é bastante complexo, neste contato faz-se uma conexão dos personagens da bíblia as três figuras usadas no reisado em Boa Hora que são chamados de “caretas”. Vale ressaltar que a história contada por parte dos devotos não é diferente dos demais citada pelos teóricos citados neste trabalho. É importante perceber nesse momento a associação que lhes são feitas.

Quando Jesus nasceu, os três reis magos saíram cada um de uma região diferente e foram direto a Herodes porque eles acharam que tinha nascido um filho de Herodes, um novo Rei. Então eles continuaram procurando onde estava esse rei e nessa procura eles estavam condicionados ao brilho da estrela e quando o dia amanheceu não tinha mais o brilho da estrela e tinha que esperar anoitecer e aí continuava a caminhada e esse caminho tinha que ser acelerado. E por isso que os caretas tem o sapateado acelerado, muitos nem entendem o sapateado dos caretas este sapateado está ligado à história dos três reis magos, agente nem sabe põe que o careta primeiro sapateia sozinho e depois sapateia os três juntos. Isto simboliza a saída de cada um de diferentes partes e depois que eles se encontram e se juntam. E por isso que eles terminam sempre sapateando juntos. (FERREIRA 1994)

Como podemos observar na figura três a personagem dos caretas apresentadas no Reisado de Boa Hora está envolto em uma variedade de símbolos e uma riqueza de significados, isso pode ser observado desde ritual de dança até as vestimentas rústicas que é feita da palha de palmeira, buriti, que é encontrada na própria cidade (trabalhadores) ela simboliza as vestimentas dos reis, só que ao contrário.

Como se trata de uma prática religiosa popular desenvolvida por pessoas geralmente de origem humilde, essas não tinham como recriar figurinos luxuosos, recorrendo a material rústico para fabricar seus figurinos, por isso se diz rei ao contrário.

O Boi e o Mandador

A simbologia do Boi e do Mandador é uma das que merecem destaque no Reisado, pois

como já citado anteriormente sobre o significado da Relação do Boi e do Mandador, o qual representa o Menino Jesus quando o mesmo foi enviado a para fazer a vontade do Pai, Receber o Boi em uma casa é como se fosse receber o próprio Menino Jesus.

O Mandador é o chefe espiritual eleito pelo grupo, onde o mesmo usa uma pequena bengala, esta tem uma simbologia muito profunda. Quando o Mandador coloca a bengala na mão torna-se chefe, é como se fosse um espírito maior, e todos ali estão sob comando dele. É tanto que o Boi só faz o que o Mandador ordena. É nesse momento que o mesmo faz a representação da relação do Menino Jesus com o próprio Pai, pois nessa relação, embora ele pudesse se desviar, ele continua fazendo as suas vontades. É baseado nisso que o Boi está submetido á vontade do Mandador. Ele só faz o que o Mandador ordena.

Figura 4 - A dança do boi.



Fonte: Arquivo Pessoal de Lenildo Martins (2014).

Está é a sintonia ou relação entre os dois personagens, isto é, obediência do filho as ordens do pai. A esse respeito podemos observar no exemplo da música abaixo:

Te alevanta meu Boi; Boi de consciência;
O Dono da casa mandou entrar; Já te deu licença.
Te confessa boi; No som da viola;
Quem te manda é eu, mando dançar, E Nossa Senhora.
Hô te alevanta boi de fama; Hô te alevanta pra brincar.⁴

Como pode se observar no trecho da música cantada em Boa Hora ao iniciar a dança ou a brincadeira do Boi, percebe-se que o Mandador ordena que o Boi levante, e continuando a música fazem homenagens a amigos: devotos já falecidos e dentre outras homenagens.

As promessas como aspecto devocional na Festa de Reis

Segundo o Professor Domingos Coelho de Resende, cada expressão religiosa se desenvolve num curso histórico, e ali é polivalentemente significativa. Uma sequência ritual, emenda aqui como procedimento de que vão desde o pedido com o compromisso de cumprir algo, na dependência de que seu pedido seja atendido. Os ricos normalmente apontam para melhorias psicológicas, emocionais e espirituais. Estes ricos estão impregnados de suas culturas, projetos de vidas bem como a sua espiritualidade.

⁴ Música de mandação cantada pelo Mandador Domingos Coelho de Resende em CD de áudio, gravado pela fundação Vó Cipriana.

O envolvimento de quem faz a festa de Reis com o sagrado terá uma relação profundamente encarnada numa religiosidade pessoal e comunitária. As manifestações populares religiosas são um dos eventos que estruturam e resgatam o homem descobrindo-o diante da sua capacidade de deixar fluir suas infinitas potencialidades de existência na sociedade, pois, pela arte de fazer, inventar o cotidiano recorrendo a pequenos prazeres, quase invisíveis e substitutos. Este detalhe no caso da religião torna-se e favorece o crescimento pessoal. (CERTEAU, 2002, s/p).

Para os devotos os santos são intercessores entre a realidade e o sobrenatural, entre Deus e o homem, os santos protegem realmente os seus devotos. Nesse sentido, Ivone Aparecida Pereira menciona que:

A relação que os sujeitos têm com o mundo dos santos, pode exercer influencia sobre o curso da vida é uma espécie simbólica de sobrevivência que contribui para a reprodução do sentido da vida. Dessa forma o povo descobre na prática a capacidade recriar o seu sentido religioso, a partir de suas experiências, dores e alegrias (PEREIRA, 2007, p.55).

É nesse sentido que a promessa tem um importante papel de revelar e expressar a fé desses devotos. Dentro desse contexto observamos o relacionamento entre a fé e a confiança que as pessoas revelam aqui pelos Santos Reis.

A promessa, portanto ganha ainda um caráter tanto social quanto sagrado: dar comida a muita gente, observa-se que a grande satisfação de quem recebe uma graça, demonstrando através do ato de partilhar da solidariedade que se dar através da doação de alimentos, bem como da preparação, para que possa tornar acessível a todas as pessoas.

Mudanças e Continuidades no Reisado em Boa Hora

O Reisado de Boa Hora é uma tradição popular que foi transmitida de geração para geração através da oralidade e isso faz com que muitas informações sofram alterações e até mesmo se perda de vez e, às vezes na tentativa de salvar essa tradição pode se esta provocando mais distanciamento do que ela foi originalmente outro fator pode ser as circunstancias do momento vivido que querer adaptação dessa tradição.

Percebe-se através dos devotos a preocupação em retornar e conservar a parte sagrada do Reisado em Boa Hora, pois segundo alguns devotos estão realmente perdendo o valor, diante dessa preocupação como já foi salientado e que em busca dessa conservação muitos dos Tiradores de Reis estão se reunindo e cada um que trabalha na Festa de Reis são responsáveis por transmitir essa tradição aos mais novos.

Outro elemento que já perdeu o significado na realização do Reisado é a cabeça de fogo, que era, portanto uma personagem muito alegre dentro das festas de Reis. Outro aspecto que foge da tradição é a forma de receber a Romaria em casa, lembra a pesquisadora Teresinha Dias da Silva Rocha que antigamente o Boi chegava e acordava o dono da casa, em seguida ele colocava o Boi pra brincar e pegava com o que tinha, com arroz, com galinha, dentre outros produtos. Hoje geralmente a família é avisada com antecedência sobre a visita do grupo de Reisado em sua casa afirma o Professor Domingos Coelho de Resende

No entanto este trabalho foi de fundamental importância, pois através do mesmo foi possível compreender e respeitar aqueles que professam sua fé em destemido. O trabalho aqui desenvolvido mostra como a cultura popular se forma e se modifica ao longo do tempo, tendo

como fator de mudança o próprio homem que é sujeito de mudanças e criações por natureza.

O Reisado em Boa Hora foi herdado de crenças presente no imaginário popular de épocas passadas, mas recriado e modificado de acordo com os hábitos, valores e crenças da cultura local na época de cada uma dessas gerações. Dessa forma o Reisado se tornou parte genuína da cultura popular da cidade de Boa Hora, Piauí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar, no decorrer dessa pesquisa, ou seja, do estudo feito sobre as festa de reis, mas especificamente do reisado em Boa Hora, onde esta é uma cultura que vive a bastantes anos presentes na vida das pessoas, mas que ao longo do tempo vem se expandindo cada vez mais e ao mesmo tempo pelo fato da sua expansão muitas são as mudanças que lhes são apresentadas. Para compreendermos e analisarmos o reisado em suas varias dimensões foi necessário observamos as várias áreas do saber tais como, emoções, razões e sensações destes sujeitos estudados.

Contudo neste trabalho apontamos alguns questionamentos e enumeras questões que surgiram ao longo do trabalho. Essas questões levantadas foram na maioria através das entrevistas gravadas e informações estabelecidas pelos atores do reisado. Dentre eles: tirador de reis, cantadeira, mandador, etc. no primeiro momento do trabalho abordamos várias teorias de diversos teóricos que deram respaldo sobre o assunto em estudo. Dentre desse contexto buscou-se principalmente um entrosamento histórico para podermos entender as suas origens e conseqüentemente o surgimento da festa de reis em diversos lugares.

Neste sentido foi que se buscou entender as festa de reis na história e no Brasil para assim termos embasamentos quando aos questionamentos levantados sobre o reisado em Boa Hora bem como as suas manifestações, cultura e religiosidade popular. Observou sobre tudo diante dos questionamentos e abordagem, que estes atores penetram num mundo cheio de representações e significados que talvez só através de documentos não fosse possível compreender este mundo.

No entanto este trabalho foi de fundamental importância, pois através do mesmo e possível compreender e respeitar aqueles que professam sua fé em destemido.

Portanto as fontes orais foram de suma importância para entendermos o mundo sagrado, pois através dos relatos, podemos compreender melhor a forma de como entes devotos manifestos sua fé e religiosidade. E perceber ao mesmo tempo notar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2019.

BOSI, Ecléa, cultura e desenraizamento. In: Bosi, Alfredo. Cultura brasileira: temas e situações. São Paulo: Editora Ática, 2ª Ed. 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular. São Paulo:

Brasilense, 2º Edição 1986.

CASTRO, Zaíde Marciel de, COUTO, Aracy do Prado. Folias de Reis. Cadernos de folclores nº 16, Rio de Janeiro de 1977.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis 2002.

EVAGELHO de São Mateus – Bíblia Sagrada: Edições Paulinas.

ENTREVISTA Teresinha Dias da Silva Rocha. Professora, pesquisadora, escritora e devota dos Santos Reis. Residente na localidade Pantanal, Boa Hora - PI. Entrevista concedida à Lenildo Martins em 06 de agosto de 2013. Boa Hora: UESPI, 2010. 60min (aprox.)

ENTREVISTO Domingos Coelho de Resende. Professor, e devota dos Santos Reis. Residente, Boa Hora - PI. Entrevista concedida à Lenildo Martins em 06 de agosto de 2019. Boa Hora: UESPI, 2019. 50min (aprox.)

FERREIRA, Gerusa Pires. A festa: Apresentação. IN: PROJETO história: festas, ritos e celebrações. São Paulo. EDUC, 2004.

FERREIRA, Moacyr Costa. Os Magos em folias de Reis. São Paulo: Edicon, 1994.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. São Paulo: LTC, 1989.

GIMENES, Amado. Reis Magos, Santos esquecidos dentro da tradição do natal. Diário de São Paulo, 05 de janeiro de 1989.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In Religiosidade popular e misticismo no Brasil. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 21-62.

MATTOSO, José. A escrita da história – teoria e métodos. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 17.

PEREIRA, Ivone Aparecida. Em nome dos Santos Reis: uma história de protagonismo e mediações em Santo Antônio de Goiás. 2005. 51 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.



Patrimônio cultural de Silveira Martins-RS: proposta de atividades didáticas para Ensino Fundamental, Anos Iniciais

Claudia Moro Bianchin

Docente. Mestranda em Patrimônio-Cultural - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia e Gestão Escolar. ORCID n. 0000-0002-9093-1962.

DOI: 10.47573/ayd.5379.2.155.5

RESUMO

O presente estudo, serviu como base de apresentação de uma dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, com a seguinte linha de pesquisa em História e Educação Patrimonial possui como objetivo central, promover a compreensão do conceito de Patrimônio-Cultural para alunos do 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Frederico Savegnago, a partir da implementação de atividades didáticas, do qual resultou como produto final uma sequência didática para professores. De todo o modo, denota-se que ao elaborar estratégias acerca da Educação Patrimonial, o docente estimula o aluno a uma viagem ao passado, do qual reflete diretamente no contexto contemporâneo de sociedade, através de heranças culturais, legado e memória. A partir das estratégias diretamente envolvidas, a formação de uma consciência voltada à preservação e valorização dos processos de memória, automaticamente torna os alunos aptos para o exercício de cidadania, sem que haja perecimento da identidade de determinada comunidade. Consequentemente, as temáticas desenvolvidas e descritas ao longo da sequência didática, promovem uma reflexão mais aprofundada sobre um conhecimento do verdadeiro “eu”, tanto por parte do docente, quanto por parte do aluno, e envolvendo diretamente a comunidade em geral. Tais concepções, partem do pressuposto essencial de pertencimento e memória, dos quais remetem às antigas heranças deixadas por gerações passadas. De todo modo, ao envolver aspectos e fatos históricos, tal como a imigração italiana, a formação de Silveira Martins-RS e Quarta Colônia, bem como na atualidade do Geoparque, são meios de reviver o início da organização de sociedade. Tudo possui um início, e este início fez por surgir a identidade e “marca” única dessa comunidade, justificando com isso, que outras ações mais, sejam levadas em consideração para que promova uma conscientização geral acerca da temática de cuidados, valorização, preservação do Patrimônio-Cultural.

Palavras-chave: conceito. patrimônio-cultural. estratégias. sequência didática. Silveira Martins-RS.

ABSTRACT

The present study served as the basis for the presentation of a Master's thesis of the Professional Graduate Program in Cultural Heritage at the Federal University of Santa Maria - UFSM, with the following line of research in History and Heritage Education, having as its central objective, to promote the understanding of the concept of Cultural Heritage for students in the 4th year of the Escola Municipal de Ensino Fundamental João Frederico Savegnago, based on the implementation of didactic activities, which resulted in a didactic sequence for teachers as a final product. In any case, it is denoted that when developing strategies about Heritage Education, the teacher encourages the student to a journey to the past, which reflects directly in the contemporary context of society, through cultural heritage, legacy and memory. Based on the strategies directly involved, the formation of an awareness aimed at preserving and valuing memory processes automatically makes students capable of exercising citizenship, without the identity of a given community perishing. Consequently, the themes developed and described throughout the didactic sequence, promote a deeper reflection on a knowledge of the true “I”, both by the teacher and by the student, and directly involving the community in general. Such conceptions are based on the essential assumption of belonging and memory, which refer to the ancient legacies left by past generations. In any case, by involving historical aspects and facts, such as Italian immigration, the formation of Silveira Martins-RS and Quarta Colônia, as well as the current Geopark, they are

1 Docente. Mestranda em Patrimônio-Cultural - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia e Gestão Escolar. ORCID n. 0000-0002-9093-1962. Email: cmb.claudiamorobianchin@gmail.com

means of reliving the beginning of the organization of society. Everything has a beginning, and this beginning gave rise to the unique identity and “brand” of this community, justifying with this, that other actions are taken into consideration in order to promote a general awareness about the theme of care, appreciation, preservation of the Cultural heritage.

Keywords: concept. cultural heritage. strategies. following teaching. Silveira Martins-RS.

INTRODUÇÃO

A pesquisa inicia-se motivada pela temática da construção do conceito de Patrimônio Cultural e segue em direção à produção de uma sequência pedagógica, com a participação de estudantes do 4º Ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Frederico Savegnago, localizada no interior do município de Silveira Martins-RS; conjuntamente, isso possibilitou a integração da comunidade, perante a conscientização e valorização do patrimônio cultural do município.

A realização desta proposta ocorreu mediante uma ação pedagógica, educativa e cultural, na formação inicial de um grupo de alunos dos primeiros anos escolares, a fim de educar a um olhar direcionado ao patrimônio histórico e cultural da região.

A intenção foi trabalhar sob forma investigativa e didática, visando observar o processo de elaboração de um conceito próprio sobre o que é patrimônio cultural, com os alunos do 4º ano. A ferramenta para alcançar este objetivo no processo de ensino-aprendizagem é a produção de uma sequência pedagógica, conjuntamente com a comunidade escolar e membros da sociedade do Município de Silveira Martins-RS.

O valor concedido à cultura representa, por diversas vezes, o marco de construção de uma consciência efetivamente voltada para a cidadania. A proposta é multidisciplinar, tanto do ensino como dos resultados a serem obtidos ao final do processo e significa a formação de uma sequência de questões pertinentes à área de ciências humanas, remetendo-se ao tema de Patrimônio Histórico e Cultural.

Silveira Martins é considerada o berço da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, e tem ao menos 100 anos de história contemporânea. Os patrimônios arquitetônicos, bem como o dialeto itálico-português, a culinária, costumes e hábitos misturam-se, cabendo aos educadores e profissionais do ensino o dever de valorizá-los perante os alunos, como forma de manter a identidade social.

Assim, remetendo-se à análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2019), o ensino do que é Patrimônio Cultural transpassa o sentido de objetos, procurando evitar discriminações, promover inclusões e gostos. Todas as culturas possuem um valor ímpar no contexto histórico da humanidade, e não diferentemente ocorre em Silveira Martins-RS, um município considerado pequeno em suas dimensões territoriais, mas que contém um valor histórico ímpar tanto sobre a Imigração Italiana, como a herança cultural de outros grupos étnicos. a história rio-grandense.

A transversalidade do conteúdo mantido pela temática de Patrimônio visa propor como resultados efetivos e experimentais, a criação de uma sequência didática dirigido aos professo-

res, que demonstre a construção do conhecimento de cada aluno; o produto não deve limitar-se somente à Quarta Colônia, mas servindo de base a futuros mestres da docência, pois apresentamos uma proposta didática para o professor, visando o papel protagonista do aluno em sala de aula e fora dela.

Desta forma, a problemática central da presente pesquisa está relacionada a concepção de patrimônio cultural por estudantes do Ensino Fundamental, Anos Iniciais: **“Como alunos de Anos Iniciais de uma escola de Silveira Martins, concebem o conceito de patrimônio cultural?”**

A sequência pedagógica, produto este resultante do presente trabalho integrado servirá futuramente como ferramenta legada para outros docentes e alunos, para uma maior compreensão acerca da temática de Patrimônio Cultural. A presente obra em si será disponibilizada na biblioteca municipal e nas escolas, para livre acesso a quem se interessar. Pois do instante em que a criança se insere no contexto da aprendizagem sobre o que é verdadeiramente o significado de patrimônio, possibilita-lhe que haja uma interação entre a história como ela é e a história como é vivida pela criança no cotidiano.

A FORMAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DO MUNICÍPIO DE SILVEIRA MARTINS-RS

Silveira Martins é considerado o berço da Quarta Colônia italiana, no Rio Grande Sul, perante o processo de imigração italiana ao longo do século XIX e XX, com o qual tornou por formar o atual contexto de sociedade, com suas tradições, costumes e patrimônios originais.

Observa-se que os imigrantes dos quais auxiliaram a formar a Colônia de Silveira Martins são oriundos das regiões situadas ao Norte da Itália, vindouros no Brasil ao final do século XIX com intuito de laborar na agricultura. Silveira Martins foi a Quarta Colônia Imperial criada no Rio Grande do Sul, sendo assim considerada legalmente como o centro do estado pelo Império Brasileiro receptivo a agricultores italianos, onde conseqüentemente, a Colônia iniciou seus trabalhos de demarcação a 19 de maio de 1877 em Val de Buia a 22 km do Município de Santa Maria-RS. (PAZUCH, 2019, p. 2)

Ao adentrarem na localização de Val de Buia, os imigrantes italianos instalam-se no local, acomodaram-se em barracas, que posteriormente ficou conhecido como Barracão de Val de Buia. Pois, o local e o barracão não eram suficientes para acomodar todos e foi necessário abrir clareiras na mata e construir outros dois galpões, que ainda não foram suficientes para abrigar a todos, suportando fatores externos como epidemias, mortes e descaso, em torno de mais de 1.000 imigrantes. (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

Ainda, de acordo com De Boni & Costa (1984, p. 106):

Estavam doentes: não passava dia que não houvesse a lamentar uma ou mais mortes. Era, deveras, doloroso ver essas pobres famílias perder desse modo, os seus caros, sem ter nenhum recurso médico, com falta absoluta de remédios, de um caldo, de uma xícara de leite e até de madeira para construir um caixão onde colocar os cadáveres. Ainda, devido à aglomeração, uma epidemia provocou a doença de umas 400 vítimas, entre crianças e adultos. Não havia atendimento médico e nem de um sacerdote. Eram enterrados em um cemitério improvisado, sem a reza de um padre e em caixotes feitos de ripa de madeira e barricas. (BISOGNIN *apud* DE BONI; COSTA, 1984, p. 105-106)

Com isso, observa-se o teor de dificuldade para que aquele povoado sobrevivesse às ações de força-maior que o prejudicasse ao longo de sua formação, até como visto nos dias atuais. Nada foi por acaso, e posteriormente à fixação dos imigrantes e do enfrentamento aos infortúnios da vida, consegue-se organizar então como sociedade, ainda que de forma lenta, porém vitoriosa.

De acordo com as considerações de Sponchiado (1996, p. 352):

Os primeiros imigrantes italianos vieram à região de Silveira Martins para “Fazer a América” desenvolvendo a agricultura e o comércio. A maioria deles era formada por contadini, pequenos agricultores, arrendatários e jornaleiros que trabalhavam para vários patrões na Itália, os quais vieram ao Brasil para comprar e trabalhar no seu próprio lote de terra. Os imigrantes italianos, que se dirigiram ao Rio Grande do Sul, em sua maioria, almejavam abandonar seus patrões na Itália para se tornarem autônomos no Brasil, passando da condição de servos de patrões e da família para a condição de senhores de seu destino. Os imigrantes italianos eram mais apegados à família e a seu lote de terra do que a Itália ou ao Brasil, não se envolvendo diretamente com questões políticas da Colônia e da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Quem se ocupasse de questões políticas ou públicas não era bem-visto pelos imigrantes, assim como quem estudasse, pois consideravam que as atividades políticas e educacionais afastavam as pessoas do trabalho. Quem trabalhasse com a terra era considerado honesto e digno de respeito, ao contrário, quem estudasse, fosse político ou trabalhasse no comércio era considerado preguiçoso ou desonesto. (SPONCHIADO, 1996, p. 352)

Denota-se historicamente que o imigrante italiano buscou sua independência econômica e social por intermédio da posse da terra frente às autoridades e aos nacionais, capacitando-os à mediações de negociar seus interesses com os representantes do Estado e da Igreja, onde mesmo não estando em posições elitizadas, os imigrantes italianos souberam muito bem utilizar o Estado e a Igreja a seu favor para compensar a divisão política de seu território, onde através do espaço fixado, puderam exercer fielmente o seu poder político para defender seus interesses econômicos e resistir às imposições das autoridades com as quais não concordavam com tais práticas. (PAZUCH, 2018)

Com isso, o município de Silveira Martins começou a surgir a partir da formação do núcleo colonial de Santa Maria da Boca do Monte, dado à grande influência contida por intermédio da imigração italiana e formação das sociedades locais e vizinhas.

A colonização italiana de certa forma, fora subsidiada através do Império na Província, onde com isso, fortaleceu os elos para estar entre os marcos iniciais, até mesmo, na formação do atual Estado do Rio Grande do Sul, pois historicamente dizendo, não havia um desbravamento dessas terras.

Com isso, deve-se relatar novamente, sobre a proximidade entre a Quarta Colônia a partir da formação de Santa Maria, onde atualmente, todos os municípios dessa origem são limítrofes, geograficamente dizendo, com o município maior, ou também pelos elos de ligação com educação, renda, moradia, geração de empregos, saúde, economia, etc.

A influência do município de Santa Maria se faz tão presente em Silveira Martins, que praticamente a abrangência dos estudos sobre Quarta Colônia é um foco predominante na principal universidade santa mariense, a Universidade Federal de Santa Maria, tanto por ofertas de cursos na área, quanto em relação ao estímulo em aprofundar os estudos sobre as origens da Quarta Colônia e da imigração italiana em si, a partir de perspectivas histórico-culturais.

Sob registros jornalísticos da época que auxiliaram a manter a memória histórica da

emancipação de Silveira Martins que o município de Santa Maria não se opunha a emancipação plena de seu 4º Distrito, descrito pelo então prefeito da época de Santa Maria, José Haidar Farret, Fenalti (2009, p. 58) registrou:

Farret reconhece que, com o desligamento de Silveira Martins, Santa Maria teria algum prejuízo, pois diminuiria o ICM do município. Mas, por outro lado, ele concorda que também diminuiriam as despesas. “Posso falar, bem alto, de todas as melhorias e investimentos que Santa Maria fez naquele distrito”, comenta, salientando que, no entanto, respeita a decisão da maioria dos silveirenses (FENALTI *apud* A RAZÃO, 1987, p. 15).

Diante disso, em 11 de dezembro de 1987 é editada a Lei nº 8.481, com a qual se dá a origem ao município de Silveira Martins, mantendo o nome colocado na colônia 109 anos antes, em homenagem ao político Gaspar Silveira Martins: “É criado o município de Silveira Martins, constituído pelo distrito do mesmo nome, pertencente ao município de Santa Maria.” (SILVEIRA MARTINS, 1987).

A partir de movimentos sociais envolvendo a comunidade silveirense, e com processo de recuperação do patrimônio cultural de identificação italiana da imigração, em 1995, fora construído o Monumento em Homenagem aos 120 anos da imigração italiana, no Estado, na via de acesso a entrada principal do município próximo ao local do Barracão de Val de Buia.

Esse processo de valorização da memória do imigrante possibilitou, também, a recriação do imaginário da comunidade, tornando-se imprescindível e também necessária a preservação dessa memória identitária principalmente entre os descendentes dentro do contexto, com o objetivo de se conhecer a história local como preservação da identidade social de Silveira Martins.

Conseqüentemente, por intermédio desse processo de identificação da construção da memória do patrimônio de Silveira Martins, não pode ser confundida diretamente com a ciência histórica, pois percebe-se que a memória por si só não é história, mas possibilita a instrumentalização pelo historiador. Ou seja, a memória torna-se objeto constitutivo da história ao ser utilizada pelos historiadores: “A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros” (FENALTI, 2009, *apud* LE GOFF, 2003, p. 29). Assim:

Memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos aquilo que foi aprendido (FENALTI, 2009, p. 68, *apud* IZQUIERDO, 2002, p. 9).

Tal consolidação da memória do imigrante italiano, refletido na formação da Quarta Colônia em Silveira Martins, denota-se devido a necessidade que esses povos tinham de adaptar associar sua cultura maternal à situação que se apresentava em terras distantes e completamente desconhecidas.

Notadamente, observa-se que o grande traço cultural da imigração italiana, deu-se a partir dos critérios de religiosidade, demonstrando-se assim o valor cultural do local anterior, trazendo-o para as novas terras.

A religiosidade do imigrante italiano e sua profunda devoção aos diferentes santos da Igreja Católica sempre o acompanharam. Mas, ao chegarem às novas terras, não tiveram o auxílio espiritual de que necessitavam pela inexistência de párocos e de paróquias. Para as famílias, era importante ter a presença de uma igreja e de um padre para rezar as missas, dar a extrema unção, dar a bênção e acompanhá-los espiritualmente em seu cotidiano, muitas vezes, repleto de dificuldades. Para suprir essa carência, construíram

capitéis em suas propriedades e ali se reuniam, com os vizinhos e familiares, para rezar e pedir a proteção dos santos (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001, p. 59).

Para Dotto (1987, p. 252), a religiosidade e os demais traços culturais estão presentes de forma contínua na memória coletiva do povo de Silveira Martins, fruto da imigração italiana:

A vida em comunidade começa a surgir na Colônia Silveira Martins, formada pelo cotidiano da lida na lavoura e na edificação de casas de moradias e de galpões para o abrigo do gado. São construídas, também, as primeiras igrejas e armazéns (casas comerciais) para abastecer as famílias. Aos domingos, parentes, amigos e vizinhos reuniam-se para praticar a religiosidade, jogar carta e bocha, beber vinho e comer iguarias de receitas oriundas da Itália, a exemplo da polenta, da sopa de agnoline, da morcilha, da copa (presunto) e do salame (DOTTO, 1987, p. 252).

Outra questão muito pertinente é a diferenciação entre a memória individual e coletiva, pois denota-se que as lacunas da memória individual constantemente são preenchidas com a memória coletiva, não havendo confusão com a sinonímia de História, tal como explicita Halbwa- chs (2006, p. 102):

A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição não ultrapassa os limites desse grupo (HALBWACHS, 2006, p. 102).

Conseqüentemente, as recordações dos descendentes de imigrantes trazidas à tona com intuito de se processar o sentido de identidade do povo de Silveira Martins e dos formadores da Quarta Colônia, correspondem à representação que estes fazem e fizeram ao longo de sua história, por intermédio da evocação dessa memória, mas nunca uma conservação total do passado. Porém a relação estabelecida com o passado é imprescindível para a formação da identidade e para a consolidação daquele determinado sentimento de pertença a uma coletividade que busque a sua verdadeira e efetiva identidade.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O PAPEL PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO ALUNO-CIDADÃO

A formação de conceitos é considerada um desafio por parte dos profissionais da educação, em relação aos alunos, refletindo por vezes o sucesso ou não nos critérios de alfabetização e construção de conhecimentos acerca de determinados conteúdo.

Porém, o trabalho torna-se mais desafiante quando se dirige na construção do conceito de patrimônio cultural, abrangendo uma gama diversificada de visões e, também, compartilhando vivências a partir de experiências testemunhadas pelos próprios alunos.

Como se sabe, o Brasil possui um vasto e imenso acervo histórico em relação ao multiculturalismo das regiões e da própria diversidade no que deva ser considerado patrimônio. Inicialmente, cada aluno necessita compreender através dos ensinamentos em sala de aula, que os traços originais pessoais formam a identidade do cidadão como parte de um processo de inserção deste na sociedade, possibilitando o conhecimento entre o que já passou e o que ele está presenciando.

Preservar a memória é uma forma de adquirir e estimular curiosidades e conhecimentos a partir de uma compreensão homogênea. Com isso, reporta-se à importância contida em mu-

seus ou bibliotecas, pois ainda que haja determinado desinteresse em relação a determinadas sociedades e culturas, as fontes permanecerão disponíveis nesses locais, como forma de recurso, de interesse, de obter um conhecimento além daquele que já existe, por parte do pesquisador.

Observa-se no entanto a respectiva e constante necessidade de haver regras para a convivência entre sociedades e também aos patrimônios contidos, com intuito de se formar um ideal de construção da preservação do Patrimônio Cultural local.

A memória preservada no arquivo, na mídia ou até mesmo nos museus e bibliotecas, pode ter um imenso significado da presença do passado de um contexto individual, do qual, carrega dentro de si um conhecimento único e exclusivo, que está armazenado em seu intelecto e que poderá representar o contexto social coletivo a continuidade da história.

Denota-se, no entanto, que a Educação Patrimonial pode ser compreendida metodologicamente como uma conscientização de comunidades em alusão à importância da preservação e valorização de patrimônios locais, através do processo de interação entre as sociedades:

O trabalho da Educação Patrimonial é levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para uma melhor utilização desses bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, tendo assim um contínuo processo de criação cultural. A metodologia da Educação Patrimonial é materializada através do estudo de objetos comunitários como estratégia de aprendizagem do contexto sociocultural. (ITAQUI, 1998, p. 20)

Com a crescente desvalorização de tradições culturais e conseqüentemente da memória, surge um desvirtuamento ou até mesmo corrosão das fontes, se estas não forem adequadamente preservadas pelos responsáveis. Não se menciona tão somente a preservação do papel, do registro, ou do documento, mas sim, que educadores são responsáveis também pela continuidade da preservação do patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial.

Analisa-se ainda que a Educação Patrimonial, tal como metodologia, possui um vasto e amplo campo de atuação e aplicação, não somente propondo uma única maneira de utilização dos denominados bens culturais do passado e do presente, mas também ao de fazer com que o aluno ou cidadão comum assumam uma nova postura mediado pelo educador, com intuito de estabelecer uma consciência de valorização patrimonial.

A partir da construção do conceito de patrimônio cultural, faz por bem o educador remeter a seguinte ideia “hoje somos o passado das gerações”, como uma forma pedagógica de educar e conseqüentemente torná-lo vivo em cada aluno na sala de aula, estimulando seu conhecimento e curiosidade sobre a história de sua gente. (ITAQUI, 1998, p. 20)

Percebe-se ainda, que em alguns períodos da história a população italiana foi vista com desprezo, mediante a ótica de um povo marginalizado, do qual as famílias chegaram ao Brasil, sob o intuito de buscar melhores oportunidades para poder sobreviver com dignidade e sobretudo humanidade com os seus.

A partir desta realidade, muito dessa história permaneceu intocável e indelével e outras partes se perderam pelo tempo, demonstrando a necessidade de haver uma maior importância sobre a temática e conseqüentemente nos locais de preservação, a partir das mídias, museus e bibliotecas.

O passado é considerado, de fato, a recriação de fatos acontecidos a partir do hoje, onde

mesmo a memória sendo seletiva, determina-se a união de pequenos fragmentos na busca da construção de uma identificação que permite ser quem somos, auxiliando a formar a identidade social.

Observa-se a imprescindibilidade de que o educador, por intermédio da escola, possa salvar, de fato, a memória oral e escrita dos mais velhos aos mais novos, possuindo um sentido contributivo para que a memória não seja perdida pelo tempo.

Com isso, respalda-se a necessidade de fazer preservar os critérios de identidade social e preservação dos valores culturais, sendo automaticamente impossível realizar “resgates” de identidades, sendo que a mesma está em constante modificação:

Assim, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através dos processos inconscientes, e não é algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. (HALL, 2005, p. 38)

Assim, pode-se determinar que este passado, incluso na memória dos mais velhos, contado e narrado várias vezes em família ou em grupos, através de acervos ou objetos mantidos junto às famílias, permite a compreensão da história e da cultura local ou regional, como um todo, a partir da construção do respectivo conceito de patrimônio cultural.

Reflete-se a partir dos conhecimentos de Le Goff a relação entre história e memória: a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1996, p. 131).

Com isso, remete-se também à capacidade que o educador deve ter em relação ao domínio de conhecimentos, das informações e das fontes a serem trabalhadas para que haja o despertar do conhecimento do estudante, reconhecendo-os como verdadeiros detentores de memórias e responsáveis pela preservação deste, às tradições das famílias.

A partir de tais perspectivas remete-se à importância do estudo e do contato dos alunos com o próprio patrimônio cultural, no tocante à formação de um conceito abrangente, onde conseqüentemente estimula a curiosidade por sua preservação como herança cultural.

Neste sentido, destacam-se as adversidades encontradas para aplicar e desenvolver atividades integradoras dos educadores para auxiliar a construção do conceito de patrimônio cultural, tornando-se por diversas vezes, um desafio particular ao professor e à escola, conjuntamente, em trabalhar da melhor forma para haver um efetivo constructo do conceito de patrimônio cultural.

A mediação, existente entre professor e aluno, através de uma análise crítica e reflexiva, possibilita a transformação do conhecimento histórico-cultural em uma aprendizagem única, concreta e imprescindível para a ocorrência de mudanças de paradigmas em relação à função da escola no processo de formação dos cidadãos ativos e transformadores de sua realidade.

Assim, em sala de aula da Educação Patrimonial possibilita a compreensão dos bens culturais, a revalorização da cultura local e regional, construindo-se a partir deste contexto um instrumento importante de promoção do exercício da cidadania local, onde no mesmo instante em que provoca a percepção do conhecimento e a identificação com a cultura local, faz assumir

compromissos e responsabilidades na busca da preservação e valorização deste mesmo patrimônio, interligado socialmente.

Conseqüentemente, ao trabalhar Educação Patrimonial em sala de aula, estará dirigindo o aluno a uma viagem de reflexão e estímulo de senso crítico-investigativo dos quais remete-se a alguns questionamentos a partir da Base Nacional Comum Curricular, bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com os ensinamentos de Horta (2006, p. 33).

A partir de tais conceituações, organizou-se de forma sistemática como cada docente pode, de forma estruturada e didática, propor sequências pedagógicas e atividades diversas para os alunos, que estejam sob processo de aprendizagem acerca do Patrimônio Cultural.

A busca por uma preservação à identidade social e conseqüentemente do acervo que abrange a sociedade inserida, faz com que os locais como museus, bibliotecas e meios de amparo aos cuidados da mídia em si, possam ser acolhidos pelos projetos de incentivo à Educação Patrimonial, como forma de valorizar e fazer gerar conhecimento acerca da matéria de preservação ao patrimônio.

A prática da Educação Patrimonial mostra-se muito significativa, quase imprescindível, em todos os espaços não formais de ensino, tais como museus, bibliotecas, arquivos, instituições afins, sendo necessária a sua aplicação efetiva nas escolas desde a alfabetização, para que tais processos sejam de fato, continuados interdisciplinarmente em toda a educação básica, fazendo que, com isso, seja permitida uma compreensão mais abrangente dos diferentes conhecimentos em suas áreas de atuação.

A necessidade de se conhecer e, também, conhecer o “outro”, efetivamente torna as pessoas mais empáticas e humanas, contrariando o recorrente e atual individualismo do mundo capitalista, moderno e globalizado, fazendo com que haja o processo de repensar a história, a cultura e as questões ligadas ao ensino e à pesquisa em Memória e Patrimônio, de forma interdisciplinar, junto às escolas de educação básica.

METODOLOGIAS ATIVAS ALTERNATIVAS DE ENSINO AO CONCEITO DE PATRIMÔNIO-CULTURAL PARA ALUNOS DO 4º ANO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A partir das nossas vivências, remeteu-se que ao trabalhar a prática de Patrimônio-Cultural no atual contexto pandêmico, tornou-se um imenso desafio devido à aceleração do processo de evolução tecnológica nas escolas em sentido geral, promovendo reflexões diversas e conseqüentemente um árduo caminho traçado tanto por professores, quanto por alunos.

Observa-se que ao longo dos anos, o termo “Tecnologia Informativa da Educação” adquiriu cada vez mais espaço com intuito de promover o respectivo protagonismo do aluno em sala de aula, através da mediação do conhecimento pelo professor. Porém devido à Pandemia de Covid-19 que assolou o mundo com mais de 6 milhões de mortes em 2 anos, tornou por acelerar esse processo que era considerado moroso, lento, necessitado de maiores habilidades por parte dos profissionais de ensino, para se extrair ao máximo de resultados positivos.

Denota-se com isso, que nessa direção, os sistemas de educação formal são mecanis-

mos para disseminar a utilização de TIC's em sala de aula, ou em ambientes puramente virtuais, onde respectivamente não houve escolha por parte de docentes e discentes, em relação ao contexto pandêmico.

Conseqüentemente a aplicação de estratégias voltadas à aprendizagem faz por exigir que a mesma seja contínua, voltado ao desenvolvimento de novas habilidades e competências, como a resolução de problemas, motivação para aprender, comunicação, habilidade manipulação de informações, aprendizado autodirigido, habilidades colaborativas; e resultado em melhoria da formação educacional.

Como consequência da mudança de postura dos estudantes e das mudanças advindas da revolução tecnológica, bem como perante ao cenário de Pandemia, surge um novo conceito para o modo de ensinar e aprender, denominado Educação 4.0, que é a Educação que responde às necessidades da “Indústria 4.0” ou da também chamada quarta revolução industrial. (BACICH e MORAN, 2015)

A Educação 4.0 é caracterizada por uma tentativa de adaptar a escola à realidade do mundo digital, para manter o interesse dos alunos, utilizando estratégias que dinamizam o processo de ensino-aprendizagem, com a utilização de recursos tecnológicos que atendam os objetivos de aprendizagem. (BACICH e MORAN, 2015)

Nessa perspectiva, as Metodologias Ativas atuam para promover e incentivar a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula, privilegiando a atuação e desenvolvimento do discente, como foco do processo de ensino e aprendizagem. Para Bacich e Moran (2015, p. 32), “metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível e interligada”.

A evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação trouxe consequências significativas para a Educação, pois novas metodologias de aprendizagens foram criadas por meio de seu desenvolvimento e utilização.

Remete-se ainda que as TICs “são um conjunto de meios tecnológicos que utilizamos para a nossa comunicação e que nos permite uma melhoria no processo de aprendizagem” (BARBA, 2012, p. 221). Com isso, Gebran (2009, p. 31), explica também que as TICs “[...] são utilizadas para compilar e compartilhar informações, por meio de ferramentas tecnológicas como instrumentos de informática (hardware e software), sites da Web, informação e balcões de serviços automatizados” (GEBRAN, 2009, p. 31).

Já Dorneles *apud* Brignol (2004, p. 33), argumentam sobre a importância em que as TIC's promoveram para as relações humanas:

O computador, a televisão, o aparelho de som, o gravador, a filmadora, a câmera fotográfica, a calculadora, o rádio, o datashow, o retroprojeto, os celulares, os pendrives, CDs, DVDs, entre outros, [...] estão presentes diariamente na vida das pessoas “invadindo” o dia a dia do cidadão, seja no ambiente de trabalho, nas ruas ou em suas residências (DORNELES *apud* BRIGNOL, 2004, p. 33).

Com isso, define-se que as TIC's têm promovido um momento, em que se busca o protagonismo do aluno, bem como a respectiva a autopromoção de seu próprio conhecimento, conjuntamente ao professor como um mediador da aprendizagem. Gómez (2015, p. 22-23), define o proposto como:

[...] a vida cotidiana de crianças, jovens e adultos se encontra profundamente alterada pela ininterrupta e poderosa penetração social das novas tecnologias da informação e da comunicação e oferece inovadoras peculiaridades para o conhecimento e a experiência dos seres humanos (GÓMEZ, 2015, p. 22-23).

De modo reflexivo em relação ao contexto evolutivo das tecnologias, a sociedade em sua inconstância e liquidez traça caminhos até então desconhecidos pelo homem, sendo influenciados e influenciando a existência de novos e atuais modelos sociais.

Em menção à significância da expressão de transitoriedade, torna-se automaticamente perceptível que, em menos de dez anos, as TIC ocasionaram uma profunda mudança na forma de se buscar informação, pois “[...] abandonaram os momentos de reflexão solitária em favor de multitarefas na internet.” (BAUMAN, 2013, p. 26).

Denota-se que todo esse estímulo é destinado a promover um maior progresso e desenvolvimento da própria sociedade, o qual ainda carece de maior aplicabilidade, que vise de fato, a qualidade do ensino com métodos que estejam de acordo com o estipulado na Agenda 2021 e 2030 (UNESCO, 2015, p. 22).

Nesse sentido, Ferreira (2011, p. 27) comenta que:

Todo esse crescimento tecnológico conseqüentemente atinge as salas de aula. Os trabalhos a serem feitos pelos alunos, são pesquisados na internet e são inúmeros sites que propiciam a informação ao aluno. [...] Aos poucos o docente deixa a sala de aula (corpo presente) e passa a expor os conteúdos através de teleconferências, sendo que a transmissão de dados é feito através do computador e que pode se tornar interessantes com os recursos de animação, cores e sons que chamem a atenção do aluno (FERREIRA, 2011, p. 27).

Castells (2003, p. 103), consoante à posição de Ferreira, remete que:

[...] a inclusão digital compreende mais do que aparato tecnológico: A questão crítica é mudar [...] e aprender, uma vez que a maior parte da informação [estará] on-line e que o que realmente [será] necessário é a habilidade para decidir o que procurar, como obter isso, como processá-lo e como usá-lo para a tarefa específica que provocou a busca de informação. Em outras palavras, o novo aprendizado é orientado para o desenvolvimento da capacidade educacional de transformar informação e conhecimento em ação (CASTELLS, 2003, p. 103).

Observa-se que as novas metodologias conquistadas por intermédio das tecnologias da informação e comunicação são capazes de quebrar paradigmas e barreiras, as quais são criadas pela distância física, tais como vistas no contexto pandêmico atual, possibilitando um maior acesso a notícias, pesquisas e estudos, ainda que haja ou não interação entre as pessoas.

Contudo, denota-se que as ferramentas das tecnologias de informação e comunicação, em principal a internet, contribuem com a democracia, ampliando o seu livre acesso as mais diferentes pessoas e locais do mundo, efetivando a educação e qualidade na aquisição do conhecimento, contribuindo para a preservação da saúde e da economia e à interatividade entre milhares de pessoas residentes em localidades distintas, sendo ferramenta fundamental da globalização e também de conscientização social mundial.

O acesso à internet é um meio facilitador para que a informação seja gerada e armazenada em tempo real, sem que haja possíveis restrições ao seu teor democrático na amplitude que se adquire na sociedade. Dado o exemplo de Gomez (2015, p. 66), “o que é fornecido em um dia, por exemplo, pelo jornal New York Times, é maior do que as informações que as pessoas

do século XVII poderiam encontrar durante toda a sua vida, não sendo diferentemente ocorrente no setor da Educação”. (GOMEZ, 2015, p. 77)

Ainda que o movimento tecnológico, através do Google Class. Room, WhatsApp, E-mail, Lives em Facebooks ou Youtube, nunca antes foram tão utilizadas pelas plataformas de streaming em tempo real, como na Pandemia de Covid-19, pelos profissionais da Educação, possibilitou com isso, novas habilidades para as metodologias a serem aplicadas.

Há ainda diversas discussões acerca do ensino remoto como um todo, tal como define Almeida (2020, p. 16) ‘apud’ Modelski, Giraffa e Casartelli (2019, p. 8):

[...] a formação docente em tempos de cibercultura e sua inter-relação com conhecimentos, habilidades e atitudes para atuação de professores no cenário educacional influenciado pelo uso de tecnologias digitais (TD), revelam que nem sempre a fluência digital está presente entre os docentes. Os autores notaram que o nível de familiaridade com as TD está relacionado não apenas ao uso de artefatos, mas ao nível de experiência que se tem com eles. Denominamos fluência digital a competência identificada no estudo, a qual está relacionada ao uso pedagógico de recursos tecnológicos para desempenhar atividades presenciais e virtuais, definida pela familiaridade com o uso de tais recursos e sua repercussão no planejamento docente. Ou seja, quanto mais fluência digital o professor desenvolve, mais facilidade ele pode ter para fazer associações entre as práticas que utiliza e uma eventual versão digital (ALMEIDA, 2020, p. 16, ‘apud’, MODELSKI; GIRAFFA; CASARTELLI, 2019, p. 8)

Nesse sentido, Almeida (2020, p. 16), *apud* Silva e Prata-Linhares, destacam que:

[...] a percepção da falta de familiaridade no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) mediante à área educacional não é recente: “Dados da última pesquisa, realizada no ano de 2018, sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nas escolas brasileiras, mostram o quanto ainda é preciso avançar em termos de acesso e finalidade pedagógica no uso das TDICS” (ALMEIDA, 2020, p. 16, *apud* SILVA & PRATA-LINHARES, 2020, p. 143).

Obviamente o ensino remoto trouxe consigo ideias de diversidade, porém despreparo evidente em relação ao modo e o desenvolvimento que a modalidade de ensino tecnológico trouxe juntamente com a Pandemia, demonstra que a cultura digital de fato, é necessária, porém não deve ser única ou limitada, pois assim estaria comprometendo diretamente o processo de desenvolvimento educacional dos alunos, e no próprio quesito evolutivo dos professores quanto às suas didáticas reais.

Um dos fatores desafiante tanto para professores quanto para alunos, é tida pela falta de acessibilidade dos recursos e ferramentas tecnológicas por parte das famílias mais carentes financeiramente dizendo, tornando por praticamente anular o processo de desenvolvimento educacional, tanto pela falta de acesso, quanto de acompanhamento dos conteúdos.

A tecnologia remete à um conceito de evolução, desenvolvimento e progresso, e de modo indubitável o avanço tecnológico tornou por modificar as culturas, histórias e a humanidade em si, pela busca mais aperfeiçoada e célere de comandos e ações.

Para haver efetivamente a aplicação de tecnologias nas práticas educacionais e pedagógicas exige muito dos profissionais docentes, tanto na área da criatividade e habilidades para que essa ferramenta seja utilizada com frutos em relação às atividades propostas.

Com isso, torna-se um desafio custoso financeiramente, aportar as escolas com tecnologias de qualidade, além de desafiar os fatores dos desperdícios com profissionais despreparados

com a utilização dessas mesmas ferramentas, devendo com isso, sempre haver intervenções em favor do seu desenvolvimento na área do ensino-aprendizagem.

De fato, constata-se que as ferramentas tecnológicas auxiliam o aluno no processo da construção do conhecimento, exigindo uma maior capacitação e inserção efetiva de TICs, na vida dos discentes, bem como docentes, com intuito em capacitá-los à utilizar como recursos, e não como o fim.

Conforme fora explicitado na presente temática há atualmente um dinamismo moderno sobre a tecnologia tal como ferramenta que modifica a própria cultura e a respectiva sociedade, apropriando-se com isso, da pedagogia e inserindo-as no contexto educacional.

Há de fato a existência de uma grande importância em abordar as novas concepções sobre as práticas cotidianas em sala de aula, como forma de sinalizar o teórico e o prático, onde o processo de ensino-aprendizagem tomou diferentes abordagens com intuito de se obter os melhores e mais efetivos resultados em relação ao desenvolvimento intelectual e social do aluno.

A partir de tais conceituações, dirige-se de modo reflexivo perante ao enfrentamento pandêmico para exercício da Educação, tanto com docentes quanto para discentes, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Frederico Savegnago, tendo em vista, que a escola por diversas vezes improvisou por intermédio de seus profissionais, para que a evolução do ensino não fosse de fato perdida.

Inicialmente, cada professor selecionava as atividades das turmas correspondentes, e enviava de forma física (por intermédio da Supervisão que estava presente na Escola), ou digital (através do aplicativo telefônico WhatsApp). Onde cada aluno ou responsável, deveria realizar a devolutiva da atividade, para que assim, obtivesse pontuação integral do conteúdo.

Posteriormente, em razão de reuniões entre equipe diretiva e docentes com a gestão pedagógica, oportunizou-se a utilização via “Meet”, ferramenta de chamadas de áudio e vídeo do aplicativo/site Gmail-Google. Ainda que houvesse a preocupação de alguns alunos não terem dispositivos móveis para acompanhamento periódico de aulas, alternativamente todas as atividades eram enviadas por escrito, para que estes não perdessem a sua sequência evolutiva de ensino.

Conseqüentemente, ao iniciar o uso e manuseio por intermédio do Meet, algumas falhas foram encontradas, tais como a ausência de alunos por não terem dispositivos móveis disponíveis, internet precária, entre outras. Porém todos, sejam estes docentes ou discentes, foram considerados vitoriosos até o retorno na modalidade presencial. Visto que, ao segundo semestre do ano de 2021, o uso por via do Meet já estava estabilizado, e com isso, as falhas anteriormente existentes, foram resolvidas por cada aluno.

Com a elaboração da presente atividade, houve a possibilidade de haver uma visão diferenciada sobre a evolução da educação prática em si, e como acarretou esse processo de modificação, a partir da inserção de ferramentas tecnológicas, e como estas estão de fato atuando no cotidiano escolar, tendo como acepção maior, o ensino remoto na Pandemia de Covid-19.

Analisa-se com isso, as dificuldades encontradas através de alguns docentes em poder executar seu trabalho de forma efetiva e digna a partir de tais ferramentas, sejam estas da especialidade que for, onde por diversas vezes, encontram-se insuficientes nas escolas limitando

com isso, a sua atuação, do qual compreende-se que não somente cabe ao docente o dever de aperfeiçoar, mas também o sistema educacional deve estar pronto para se desenvolver e proporcionar desenvolvimento aos sujeitos envolventes dessa relação, a partir da implementação dessas novas metodologias com utilização de TICs.

A partir do exposto, observa-se que a Pandemia trouxe inúmeros desafios perante à práxis docente, bem como no processo de ensino-aprendizagem por parte dos alunos. Com isso, no capítulo a seguir, serão demonstrados os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento da pesquisa, onde apesar das adversidades, obteve-se resultados satisfatórios perante ao que visava propor através da pesquisa da concepção do conceito de Patrimônio Cultural por alunos do 4º ano.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR ALUNOS DO 4º ANO EM ALUSÃO AO CONCEITO DE PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SILVEIRA MARTINS-RS

Como mencionado anteriormente, a supracitada pesquisa que embasou a realização de uma sequência didática pedagógica, produto final e resultado dessa dissertação, fora efetivada no modo remoto, em decorrência do cenário atual pandêmico de Covid-19.

Com isso, atividades foram propostas continuamente e conjuntamente aos alunos que atualmente estão matriculados no 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Frederico Savegnago, situado à Rua Maximiliano Cattani, interior do município de Silveira Martins-RS, território que integra a proposta do Geoparque Quarta Colônia junto à Unesco, propiciando estratégias lúdicas explorando a criatividade dos alunos, na perspectiva da Educação Patrimonial. A instituição de ensino citada, conta com quatro professoras atuando na equipe diretiva, sendo uma diretora, duas vices-diretoras e uma supervisora escolar. Também conta com 8 professoras de Educação Infantil, sete professores de Anos Iniciais, 9 professores de Anos Finais, 1 oficial administrativo, 7 monitores e 5 funcionárias de serviços gerais. A escola atende cerca de 300 alunos, nos níveis de Educação Infantil, Anos Iniciais e Anos Finais.

Devido a Pandemia da COVID-19, a EMEF João Frederico Savegnago encerrou suas atividades presenciais. As atividades passaram a ser postadas no grupo de WhatsApp da turma, porque inicialmente não havia uma estratégia capaz de abranger as expectativas de ensino por parte dos docentes (tendo em vista que alguns não tinham o domínio necessário para o manuseio de TICs para a administração de aulas). Posteriormente, quando se percebeu que as aulas em modalidade presencial não voltariam tão cedo, o que aconteceu somente a partir do mês de março de 2021, além da postagem das atividades, no grupo da turma, iniciaram as aulas *online*, através da Plataforma *Google Meet*.

Salienta-se ainda, que um dos resultados positivos em relação ao desenvolvimento da construção do conceito de Patrimônio-Cultural em Silveira Martins-RS, refletiu-se diretamente na nossa participação no Projeto “EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA” coordenado pela Professora Dr^a. Maria Medianeira Padoin desenvolvido em parcerias com a Secretaria Municipal de Educação, dirigida pela Secretária Sílvia Fioreze, com a Universidade Federal de Santa Maria, a partir do Projeto Geoparque Quarta Colônia, e que posteriormente em 2022 fez parte das atividades desenvolvidas na Jornada Acadêmica Integrada - JAI da UFSM.

A partir das parcerias supracitadas, tornou por desenvolver temáticas geradoras e específicas de cada município, iniciado em 2020 (período pandêmico), bem como estendendo-se ao ano de 2021, em sentido aperfeiçoado quanto às práticas desenvolvidas.

Remete-se ainda, que o Projeto em si, dado à situação caótica de pandemia, fora realizado no modo remoto, porém que omitiu ou deixou de obter resultados satisfatórios com os objetivos propostos em virtude da prática aplicada.

Com isso as temáticas geradoras foram escolhidas de acordo com o nível escolar dos alunos, alicerçados na construção e no trabalho contínuo da percepção do Patrimônio-Cultural, dentre tais práticas destacam-se:

- **MEMÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA** - consistindo em promover a atividade de “Caixinha de lembranças”, dos quais os alunos do 4º ano, foram convidados a construir uma caixinha de lembranças, onde os mesmos escolheriam uma caixa ou pote e decorariam conforme sua preferência. Junto da caixinha, deixariam papeis para que sempre que sentissem necessidade, escreveriam ou desenhariam algo marcante, ocorrido naquele dia. Dessa forma, esse período de pandemia não seria visto somente como algo negativo, mas os alunos perceberiam que momentos felizes também fizeram parte do isolamento. Por meio da caixinha de lembranças, essas memórias ficarão preservadas, para que tempos depois, os alunos tenham acesso a elas;

- **PRESERVAÇÃO/RESGATE DA MEMÓRIA HISTÓRICA-CULTURAL DA FAMÍLIA E/OU CIDADE** - Foram ao todo subdivididas em três atividades, tais como Receitas de família, onde esta atividade, os alunos puderam manusear o caderno de receitas de sua família. Conversaram com os familiares sobre quem cozinhou para a família, como eram as receitas da época antiga e se a família possui algum objeto ou costume passado de geração em geração, para a preparo do alimento. Após esse diálogo, os alunos foram convidados a escolher uma receita para reproduzir, com seus familiares; outra atividade foi feita com Remédios caseiros: Nessa atividade, os alunos conversaram com seus familiares sobre como eram os remédios que eles utilizavam, quando as farmácias não eram populares, como atualmente. Eles puderam conhecer os métodos como as plantas medicinais eram usadas na cura de enfermidades. Após essa conversa, eles foram convidados a andar pelo pátio e horta de suas casas e, juntamente com seus familiares, identificar quais plantas medicinais eles possuíam em casa e quais são suas finalidades; Entrevista, mapeamento e identificação inicial dos Jogos tradicionais do Município de Silveira Martins: Nesta atividade, os alunos foram convidados a entrevistar um familiar (pais, avós, bisavós...) para mapear e identificar quais são os jogos, brincadeiras, danças, ginásticas, lutas que eles praticavam quando se reuniam para celebrar a vida. Este trabalho teve como objetivo levar os alunos à reflexão acerca do patrimônio cultural imaterial. Pois, os jogos, brincadeiras, danças, lutas, esportes, ginásticas também representam muito o modo de viver, conviver das pessoas e suas comunidades/regiões a que pertencem.

No mês de junho de 2021, a escola retomou as aulas presenciais, no modelo híbrido e escalonado. Além de atender, de forma remota, os alunos que optaram pelo ensino remoto. Os alunos que não possuíam acesso à internet, recebiam as atividades impressas, em sua casa. Esse período possibilitou uma nova visão de aplicação da presente pesquisa, através dos quais tornou-se exitosa mediante as ferramentas disponíveis para o atual momento de aplicação e desenvolvimento do projeto e do produto.

Através das estratégias pré-definidas no contexto pandêmico, dirigindo-se à modalidade remota, detém-se à várias atividades elencadas na contextualização e elaboração dos registros para a produção da sequência didática pedagógica, acerca da conscientização e valorização do Patrimônio-Cultural de Silveira Martins-RS.

Onde na questão metodológica, especificou-se por intermédio de abordagem qualitativa, de caráter exploratório descritiva, a finalidade de promover um estudo criterioso acerca da construção do conceito de Patrimônio Cultural por alunos do 4º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola localizada em Silveira Martins – RS.

Sendo que para tal, é também importante o método dedutivo, em relação à busca de fontes e referenciais teóricos, e recursos de fontes secundárias como artigos, sites referentes ao tema, bem como obras bibliográficas.

Junto aos alunos incluiu-se técnicas complementares, como criação de jogos e outros materiais lúdicos, com a finalidade de fomentar o embasamento do supracitado tema e ao final, utilizou-se da pesquisa ação, voltada para descrever a realidade prática de como está efetivamente formado o Patrimônio Cultural de Silveira Martins - RS, e as possibilidades do tema ser trabalhado e aplicado por alunos dos Anos Iniciais.

Porém, sob as medidas alternativas de ensino híbrido, dos quais docentes e discentes, assim como na totalidade da comunidade escolar fora submetida ao sistema de ensino tecnológico à distância, possibilitou uma nova visão de aplicação da presente pesquisa, através dos quais tornou-se exitosa, mediante as ferramentas disponíveis para o atual momento de aplicação e desenvolvimento do projeto e do produto do qual faz parte dessa investigação.

Então, através dessa nova sistemática metodológica de ensino formada a partir do contexto pandêmico, buscamos proporcionar atividades para que as famílias se redescobrissem juntos.

As metodologias utilizadas foram baseadas nas sugestões de Horta, como forma de melhor aplicar e elucidar o resultado das atividades junto aos alunos, a partir dos critérios de observações, exploração de diferentes técnicas da Educação Artística, como: desenho, pintura, colagem, entre outras. As atividades em si, sempre eram pensadas para que os alunos pudessem trabalhar em conjunto, com a família, inclusive com irmãos que eram de outros níveis escolares. Para que todos buscassem as suas memórias familiares e desenvolvessem um novo olhar sobre a sua cidade.

METODOLOGIA

Primeiramente, na questão metodológica do presente trabalho, especificou-se por intermédio de abordagem qualitativa, de caráter exploratório descritiva, a finalidade em promover um estudo criterioso acerca da construção do conceito de Patrimônio Cultural por alunos do 4º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola localizada em Silveira Martins – RS.

Sendo que para tal, é também importante o método dedutivo, em relação à busca de fontes em referenciais teóricos, e recursos de fontes secundárias como artigos, sites referentes ao tema, bem como obras bibliográficas.

Diretamente junto aos alunos pretende-se a inclusão de técnicas complementares, como criação de jogos e outros materiais lúdicos, com a finalidade de fomentar o embasamento do supracitado tema.

Ao final, utilizar-se-á da pesquisa de ação, voltada para descrever a realidade prática de como está efetivamente formado o Patrimônio Cultural de Silveira Martins - RS, e as possibilidades do supracitado tema ser trabalhado e aplicado por alunos dos Anos Iniciais.

Com o cenário pandêmico instaurado no mundo e conseqüentemente no Brasil, a pesquisa restou prejudicada em alguns aspectos, sendo impossibilitada a visita "in loco" de museus e espaços informais de memória e de educação patrimonial. Porém, sob as medidas alternativas de ensino híbrido, dos quais docentes e discentes, assim como na totalidade da comunidade escolar fora submetida ao sistema de ensino tecnológico à distância, possibilitou uma nova visão de aplicação da presente pesquisa, através dos quais tornou-se exitosa, mediante as ferramentas disponíveis para o atual momento de aplicação e desenvolvimento do projeto e do produto do qual faz-se parte dessa investigação.

Então, através dessa nova sistemática metodológica de ensino formada a partir do contexto pandêmico, determinou-se com o objetivo de proporcionar atividades para que as famílias se redescobrissem juntas. Inicialmente, foi proposto a criação de uma caixinha de memórias, onde as crianças e suas famílias, pudessem guardar as suas memórias, do tempo em que estiveram isoladas.

Posteriormente, foram trabalhados os patrimônios familiares, iniciando com a árvore genealógica e entrevista sobre a história da família, para que os alunos pudessem conhecer seus antepassados e que saberes e fazeres eles trouxeram consigo. Como a família comemora determinadas festas (Páscoa, Natal...), houve a indagação de como são suas receitas (através da exploração do caderno de receitas), como a família utiliza remédios caseiros, como são a religiosidade e as crenças, quais eram as brincadeiras que seus pais e avós costumavam brincar (aqui pais e filhos escolheram uma brincadeira antiga, para brincarem juntos). Essas atividades foram reunidas e formaram o Livro da Família.

Por conseguinte, fora realizada uma segunda etapa, onde foram trabalhados os patrimônios culturais do município de Silveira Martins, tais como: receitas típicas, festas religiosas, história das comunidades, onde as crianças e suas famílias moram, a paisagem (as crianças puderam cultivar uma plantinha e fazendo o uso de palavras positivas, puderam acompanhar seu desenvolvimento), observação da arquitetura, construção de fósseis com massinha de modelar.

As metodologias utilizadas foram entrevistas, observações, exploração de diferentes técnicas da Educação Artística, como: desenho, pintura, colagem, entre outras. As atividades em si, sempre eram pensadas para que os alunos pudessem trabalhar em conjunto, com a família, inclusive com irmãos que eram de outros níveis escolares. Para que todos buscassem as suas memórias familiares e desenvolvessem um novo olhar de admiração e preservação, sobre a sua cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se perante o presente estudo, que fora um período de imensa reflexão, evolução, e de aprendizagens constantes ao longo dos semestres que englobou o desenvolvimento do presente tema, bem como do produto final do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural.

Com isso, possibilitou uma nova visão sobre preservação da memória, dos espaços de preservação do patrimônio e também no decorrer dos processos de descobertas, e também identificação do “verdadeiro eu”, por parte de todos integrantes que de uma forma ou de outra, auxiliaram na conclusão do trabalho.

Remete-se ao iniciar o desfecho desta temática, uma “volta ao passado”, em relação aos mesmos processos que formaram a Quarta Colônia, e em especial Silveira Martins-RS. Da imigração até a constituição da sociedade contemporânea. A partir daí, novos contextos formaram-se nessa aplicação dos estudos culturais e históricos iniciados então, pela imigração italiana na região.

Observou-se que, ao laborar em sala de aula de forma lúdica com alunos do 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Savegnago em Silveira Martins-RS, colonização italiana de certa forma, foram determinantes para o fortalecimento de elos identitários na formação do atual Estado do Rio Grande do Sul, denotando-se que onde os imigrantes italianos estabeleceram-se, eram terras até então sem serventia, dos quais pelo intenso labor, organizou como sociedade, refletida nos dias atuais.

A partir dessa introdução histórica, faz por valer outra reflexão simbólica na prática, a contextualização da formação de conceitos e ideias originais, os quais são encarados como verdadeiros desafios por parte dos profissionais da educação em relação aos alunos, refletindo por vezes o sucesso ou não nos critérios de alfabetização e construção de conhecimentos acerca de determinadas matérias.

Com isso, observa-se que o trabalho em sala de aula, torna-se mais desafiante quando se dirige na construção do conceito de patrimônio cultural, pois a mesma é uma área de grande multidisciplinariedade, abrangendo uma imensa diversificação de visões e, também, compartilhando vivências a partir de experiências testemunhadas pelos próprios alunos.

De fato, o processo de preservar a memória torna-se um caminho de duplo sentido, pois ao mesmo tempo que é benéfico e positivo ações que envolvam o incentivo dessa gama, encontram-se em contrapartida algumas adversidades pela omissão daqueles que deveriam promover um incentivo digno de preservação à identidade local e inflamar um orgulho na sociedade de pertencer a uma parte da história e da herança deixada pelos antepassados.

Com isso, mais uma dirige-se à imprescindibilidade contida nos espaços de memória, pois ainda que haja determinado desinteresse em relação a determinadas sociedades e culturas, as fontes permanecerão disponíveis nesses locais, como forma de recurso, de interesse, de obter um conhecimento além daquele que já existe, por parte do pesquisador, devendo para tal, haver ações de incentivo e cuidados, para que a memória e cultura daquela sociedade não desapareçam com o tempo.

Observa-se no entanto a respectiva e constante necessidade de haver regras para a

convivência entre sociedades e também aos patrimônios contidos, com intuito de se formar um ideal de construção da preservação do Patrimônio Cultural local, bem como em compreender por parte da relação estabelecida entre docente e discente, a similaridade existente entre a preservação do Patrimônio Cultural, com os ideais de exercício de cidadania, onde todos fazem parte desse contexto.

Com isso, surge então a da ação didática dotada por docentes, denominada de Educação Patrimonial, servindo no ambiente escolar como uma metodologia que remete sistematicamente a conscientização de comunidades em alusão à importância da preservação e valorização de patrimônios locais, através do processo de interação entre as sociedades.

Remete-se ainda que a Educação Patrimonial, tal como metodologia, possui um imenso campo de atuação e aplicação, não somente propondo uma única maneira de utilização dos denominados bens culturais do passado e do presente, mas também ao de fazer com que o aluno ou cidadão comum assuma uma nova postura mediado pelo educador, com intuito de estabelecer uma consciência de valorização patrimonial.

Conseqüentemente na práxis pedagógica em sala de aula, a Educação Patrimonial possibilita a compreensão dos bens culturais, os processos de revalorização da cultura local e regional, construindo-se a partir deste contexto um instrumento importante de promoção do exercício da cidadania local, provocando reflexões e percepções do conhecimento e a identificação com a cultura local, faz assumir compromissos e responsabilidades na busca da preservação e valorização deste mesmo patrimônio, interligado socialmente.

O docente, ao laborar algo envolvente à Educação Patrimonial em sala de aula, dirige-se ao aluno a uma viagem de reflexão e estímulo de senso crítico-investigativo, promovendo com isso, alguns questionamentos a si, como meio de identificá-lo e inseri-lo na cultura daquela localidade.

Por conseguinte, o respectivo produto em formato de sequência pedagógica em atividades aplicadas do Patrimônio Cultural, abrange o labor sistemático como cada docente pode, de forma estruturada e didática, propor atividades diversas para os alunos, que estejam sob processo de aprendizagem acerca da temática.

Por intermédio dessas estratégias desenvolvidas em aula, o docente oportuniza uma nova ampliação do campo de visão acerca do patrimônio-cultural em estudo, instigando o senso analítico dos alunos, acerca da influência que existe da associação entre passado e presente para as gerações, mediante ao sentimento de pertença.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Paula Rocha de. Uso das tecnologias na educação: computador e internet. (monografia) Universidade Estadual de Goiás. Brasília, 2011.

BAUMAN, Z. A cultura no mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

BARBA, C. Computadores em sala de aula: métodos e usos. Tradução: Alexandre Salvaterra; Revisão Técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Penso. 2012.

BRIGNOL, S. M. S. Novas tecnologias de informação e comunicação nas relações de aprendizagem da estatística no ensino médio. Faculdade Jorge Amado, Salvador. (Monografia). 2004. Disponível em: <http://www.redeabe.org.br/Monografia.pdf> Acesso em: 03 set. 2019.

CASTELLS, M. A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

COSTA, Cristina. Sociologia- Questões da atualidade. São Paulo: Moderna, 2010.

DIÁRIO DE SANTA MARIA. Vídeo: em parceria com a UFSM, alunos da Quarta Colônia tem aulas de Patrimônio Cultural. Disponível em: https://diariosm.com.br/not%C3%ADcias/educa%C3%A7%C3%A3o/v%C3%ADdeo-em-parceria-com-a-ufsm-alunos-da-quarta-col%C3%B4nia-t%C3%AAm-aulas-de-educa%C3%A7%C3%A3o-patrimonial-.2258938?fbclid=IwAR1xKXPUHcar88A_MBLHpkOjSupS9Z6DwNeZRfzJntCOF2xa_85hACjt3A. Acesso em: 10.set.2020.

FERREIRA, Ana Cristina Silva Gomes. Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. 28. nov. 2011. Disponível em: <<http://edumanipuladora.blogspot.com.br/2011/11/novas-tecnologias-de-informacao-e.html>>. Acesso em: 03 set 2019

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, L. C. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. Educação & Sociedade, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, 2012.

GEBRAN, M. P. Tecnologias Educacionais. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2009

GIRON, L. S. Identidade: região e valores In: GIRON, L. S. RADUNZ, Roberto. Imigração e Cultura. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 39-60.

_____. Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: DACANAL, José Hidelbrando. (org.). RS: imigração e colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. As sombras do Littório: o fascismo na região colonial italiano no RS. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. Colônia: um conceito controverso. Caxias do Sul, EDUCS, 1996.

GÓMEZ, À. I. P. Educação na era digital: a escola Educativa. Tradução: Marisa Guedes; Revisão Técnica: Bartira Costa Neves. Porto Alegre: Penso, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: Um novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 15-25

_____. História e Memória. Tradução: Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

NISKIER, Arnaldo. Tecnologia Educacional uma visão política. Petrópolis: vozes, 1993.

OFÍCIO da Câmara Municipal de Santa Maria da Boca do Monte. Solicita concessão de Terras devolutas. Santa Maria, 6 jul. 1874. p. 308.

_____. Solicita intermédio do Governo provincial na concessão das terras. Santa Maria, 18 jun. 1875. p. 332.

OFÍCIO da Secretaria de Cultura e Turismo do município de Silveira Martins. Convite para palestra. Silveira Martins, 12 jul. 1990. nº 139.

_____. Pedido de apoio ao BANRISUL. Silveira Martins, 2 jul. 1990. nº 98.

_____. Pedido de apoio para criação do Plano Diretor de Silveira Martins. Silveira Martins, 15 set. 1994. nº 94.

PADOIN, M.M.; CRUZ, J.A.S. (org.). SPONCHIADO, Breno (autor). Imigração e Quarta Colônia. Nova Palma e Pe. Luizinho. 2.ed.rev.e amp. Santa Maria: Editora UFSM, 2019

PELOSI, M. B. Tecnologias em comunicação alternativa sob o enfoque da terapia ocupacional. In: DELIBERATO, D; GONÇALVES, M. J; MACEDO, E. C. (Org.). Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009. p. 163-173

PRETTO, N. D. L.; BONILLA, M. H. S.; SENA, I. P. F. S. Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela Covid-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

PESAVENTO, S. J. História & História Cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SILVEIRA MARTINS. Disponível em: <https://silveiramartins.rs.gov.br/>. Acesso em: 01.jan.2021.

SPONCHIADO, Luiz. A anágrafe de Nova Palma e os núcleos da ex-colônia Silveira Martins. In: DE BONI, Luiz A. (org.). A Presença Italiana no Brasil Volume III. Porto Alegre/Torino: EST/ Fondazione Agnelli, 1996, pp.148-167.

_____. A Reforma, 9 de ago. 1879, p. 1.

TRAGTENBERG, M. A escola como organização complexa. Educação & Sociedade, Campinas, v. 39, n. 142, p. 183-202, jan. 2018.

UNESCO. Rethinking Education, 2015, op. cit., p. 10.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Jornada Acadêmica Integrada. Educação Patrimonial em Tempos de Pandemia. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/exposicao/municipio-de-silveira-martins/> Acesso em: 13.mar.2022.

VÉSCIO, Luis Eugênio. O Crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893 – 1928. Santa Maria: Editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2001.

_____. A ultramontana Santa Maria-RS: sede da quarta colônia de imigração italiana. In: WEBER, Beatriz Teixeira. RIBEIRO, José Iran. Nova História de Santa Maria: contribuições recentes. Santa Maria: [s.n.], 2010. (p. 197-224).

Organizador

Adriano Mesquita Soares

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR/PG, linha pesquisa em Gestão do Conhecimento e Inovação e Grupo de pesquisa em Gestão da Transferência de Tecnologia (GTT). Possui MBA em Gestão Financeira e Controladoria pelo Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais onde se graduou em Administração de Empresas (2008). É professor no ensino superior, ministrando aulas no curso de Administração da Faculdade Sagrada Família – FASF. É editor chefe na AYA Editora.

Índice Remissivo

A

analisar 8
análise 26, 30, 31, 47, 53
atividades didáticas 45, 46

B

Boa Hora 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44
brasileiro 16, 18, 19, 21, 23

C

café 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
conceito 26, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 61, 63, 65
Conilon 16, 18, 21, 23
Covid-19 54, 57, 58, 59, 66
cozinha 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
cultura 8, 9, 10, 13, 14, 34, 35, 42, 43
cultural 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 63, 64
cultura popular 34, 35, 42, 43

D

descendente 8, 9, 10, 11, 14
didática 46, 47, 48, 54, 59, 61, 64
dissertação 11, 13, 46, 59

E

economia 49, 56
educação 16
empregos 49
escolares 47, 61, 62
estratégias 46, 55, 59, 61, 64
exportação 18, 19, 21, 23

F

ferramentas 17

H

história 9, 16, 17, 18, 21, 23, 26, 28, 29, 30

histórico 9, 17, 26, 36, 41, 43, 47, 49, 51, 53

I

identidade 46, 47, 50, 51, 53, 54, 63

imigrante 8, 9, 10, 11, 13

L

legado 9, 46

logística 16

M

memória 10, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32

métodos 4, 20, 34, 44

mineração 16

monumento 25, 26, 27, 28, 29, 31

mulher 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

N

Nescafé 22

P

patrimônio 7, 8, 9, 11, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 60, 63, 64

patrimônio cultural 7, 8, 9, 11

patrimônio-cultural 46, 64

pedagógica 47, 48, 52, 57, 58, 59, 61, 64

pesquisa 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 21, 34, 35, 37, 38, 40, 43

políticas 16, 20, 21, 23
popular 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44
práticas 4
produção 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23
produto 18, 19, 21, 22, 23, 46, 48, 59, 60, 61, 62, 63, 64
professores 46, 47, 54, 57, 59
projeto 60, 61, 62
proposta 45, 47, 48, 59

Q

qualidade 16, 18, 20, 21, 22, 23

R

reciprocidade 10, 11
reisado 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 43
Reisado 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43

S

saúde 4, 49, 56
sociedade 13, 14, 36, 42, 46, 47, 48, 49, 51, 54, 56, 58, 63, 65
socioculturais 8

T

tecnologias 16, 17, 21
TICs 55, 58, 59

V

valorização 11, 14, 46, 47, 50, 52, 54, 59, 61, 64

